

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ANDRÉA MARANHÃO DE OLIVEIRA DANTAS ABRANTES

MISSA DA LUZ

**Uma experiência de Fé na Paraíba de acordo com a teoria geral do
Imaginário: Um estudo etnográfico**

JOÃO PESSOA – PB

2019

ANDRÉA MARANHÃO DE OLIVEIRA DANTAS ABRANTES

MISSA DA LUZ

Uma experiência de na Paraíba de acordo com a teoria geral do Imaginário: Um estudo etnográfico

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Profº. Dr. Carlos André de Macedo Cavalcanti.

JOÃO PESSOA – PB

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A161m Abrantes, Andréa Maranhão de Oliveira Dantas.

MISSA DA LUZ UMA EXPERIÊNCIA DE FÉ NA PARAÍBA DE ACORDO
COM A TEORIA GERAL DO IMAGINÁRIO: um estudo etnográfico
/ Andréa Maranhão de Oliveira Dantas Abrantes. - João
Pessoa, 2019.

85 f. : il.

Orientação: CARLOS ANDRÉ MACÊDO CAVALCANTI.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/EDUCAÇÃO.

1. Igreja. 2. Nossa Senhora da Luz. 3. Imaginário. 4.
Missa da Luz. 5. Símbolos. I. CAVALCANTI, CARLOS ANDRÉ
MACÊDO. II. Título.

UFPB/BC

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

MISSA DA LUZ: uma experiência de fé no Nordeste do Brasil.

Andrea Maranhão de Oliveira Dantas Abrantes

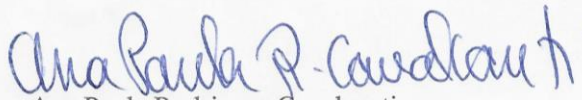
Dissertação apresentada à banca examinadora formada pelos seguintes especialistas.



Carlos André Macêdo Cavalcanti
(orientador/PPGCR/UFPB)



Ivanice Frazão de Lima e Costa
(membro-externo/UEVA)



Ana Paula Rodrigues Cavalcanti
(membro-interno/PPGCR/UFPB)

Aprovada em 26 de julho de 2019.

AGRADECIMENTO

Agradeço em primeiro lugar a Deus, que me deu força para conseguir concluir esse trabalho.

Ao meu marido Paulo Roberto Abrantes, meu maior incentivador e aos meus familiares pelo incentivo, em meu processo acadêmico;

Ao meu orientador Profº. Carlos André de Macedo Cavalcanti e a Profª. Ana Paula Cavalcanti, pelas orientações dadas no processo de formação acadêmica;

A Profª. Ivanice Frazão de Lima e Costa, pela disponibilidade em me coorientar em minhas pesquisas e dúvidas na academia;

Ao amigo Cristiano Amarante da Silva, pela disponibilidade em me ajudar, nessa lida acadêmica;

RESUMO

A presente dissertação A MISSA DA LUZ: um exemplo de fé no Nordeste do Brasil, tem por objetivo analisar o fenômeno religioso, presente na referida celebração que atrai a cada quinta-feira milhares de pessoas, vindas de diversas comunidades pertencentes a Arquidiocese da Paraíba e a dioceses vizinhas, sendo considerada a maior celebração católica de forma permanente existente. Para conseguirmos atingir nossas metas, buscamos o método através da Teoria do Imaginário, como forma de melhor desenvolvermos nossa pesquisa. Partindo para observação da celebração através da ótica da antropologia, sociologia, buscando entender os símbolos que estão presentes no Santuário Mãe Rainha, expressados pela celebração a cada semana, onde se dirigem para viver e celebrar a sua fé, buscando assim contribuir na compreensão das bacias semânticas existentes, que só com a colaboração da Teoria do Imaginário foi possível, nos possibilitando uma abordagem onde a razão e fé foram analisadas juntamente com seus impactos nas vidas dos fiéis.

Palavras-chave: Igreja. Nossa Senhora da Luz. Imaginário. Missa da Luz. Símbolos.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation , the Mass of Light: An example of faith in northeastern Brazil, aims to analyze the religious phenomenon present in this celebration, which attracts every thursday thousands of people from various communities belonging to the Archdiocese of Paraiba and neighboring dioceses, being considered the largest Catholic celebration permanently, existing. To achieve our goals, we seek the method through Imaginary Theory as a way to better develop our research, starting to observe the celebration, through anthropology, sociology, seeking to understand the symbols that are present in the Queen Mother Shrine, expressed by the celebration every week, where they go to live and celebrate their faith, seeking to contribute to the understanding of the existing semantic basins that only with the collaboration of Imaginary Theory was possible allowing us an approach where reason and faith analyzed and their impact on the lives of the faithful.

Keywords: Church. Our Lady of Light. Imaginary. Light Mass. Symbols.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	09
CAPITULO 1. PASSANDO A LIMPO: DA INFÂNCIA A VIDA ACADÊMICA	13
1.1 O AMBITO DA INVESTIGAÇÃO	19
1.1.1 O SENTIDO TEOLÓGICO DA MISSA	19
1.1.2 O SENTIDO HISTÓRICO DA MISSA.....	23
a) A missa até o século V.....	23
b) Missa do Século VI ao XI.....	24
c) A Missa no Brasil Colônia.....	25
d) A missa segundo a Sacrossanto Concilium.....	27
1.2. O DESENHO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	28
1.3 OS OBJETIVOS DA PESQUISA	35
1.3.1 OBJETIVO GERAL.....	35
1.3.2 OBJETIVO ESPECIFICO.....	35
1.4 HISTÓRICO DA PESQUISA.....	36
1.4.1 SANTUÁRIO MÃE RAINHA: DA FUNDAÇÃO AOS DIAS ATUAIS.....	38
1.4.2 O SENTIDO SIMBÓLICO DA LUZ.....	41
1.4.3 CELEBRAÇÃO DA LUZ: ORIGENS E SENTIDO MITOLÓGICO.	45
1.4.4 A FIGURA DE MARIA NA MISSA DA LUZ.....	50
 CAPITULO 2. OS ASPECTOS DEVOCIONAL E FENOMENOLÓGICO DA MISSA DA LUZ.....	 53
2.2. OS ASPECTOS DEVOCIONAIS DA MISSA DA LUZ.....	55

2.3 CELEBRAÇÃO DA LUZ: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA.....	57
2.3.1. A FENOMENOLOGIA E A TEORIA DO IMAGINÁRIO.....	61
CAPÍTULO 3. SINAIS DA FÉ: CONSIDERAÇÕES ANTROPOLÓGICAS E SOCIOLÓGICAS DOS FIÉIS DA MISSA DA LUZ.....	65
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	84

APRESENTAÇÃO

Nosso propósito em analisar a Missa da Luz é desenvolver uma reflexão em torno do aspecto antropológico e imaginário que compõe a cosmologia deste evento celebrativo, desenvolvido todas as quintas feiras no S. M. R.T.A.S¹, localizado no Bairro do Bessa na cidade de João Pessoa – PB, onde propomos abordar os sentido mítico, simbólico, sócio antropológico e fenomenológico .

Não podemos esquecer de citar que, diversos autores já trabalharam objetos relacionados ao Santuário Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt, em diversas vertentes, a exemplo da Prof.^a. Dra. **Marta Rosa Borin** em seu artigo: “As fronteiras do catolicismo e as interfaces com a religiosidade popular: o Movimento Apostólico de Schoenstatt” publicado pela Revista Brasileira de História das Religiões, analisa o movimento de Schoenstatt². No texto de conclusão de Curso de História na UFSC de Aline **Cristine Tavares** intitulado “Schoenstatt: Trajetória de um movimento católico em tempos de neo-romanização -1935 – 1980”³, contemplamos o processo antroipoimaginário.

O que nos moveu a realizar esse estudo, foi antes de tudo a impactante disseminação do mesmo, pelos meios midiáticos através principalmente do rádio, televisão, internet e oral por pessoas que frequentam a Celebração, que já atinge o território que compreende a Arquidiocese da Paraíba composta por 85 paróquias⁴, sem contar as novas comunidades, as áreas Pastorais e dioceses vizinhas, de onde partem caravanas de pessoas para participarem do momento celebrativo semanalmente que chega a acolher um número médio de 3.000 até 5.000 pessoas.

Notamos que desde maio de 2012 até maio de 2018 o evento religioso atingiu uma popularidade por parte da comunidade católica nunca vivido na Arquidiocese da Paraíba , mesmo nos meios populares das Ceb⁵ ou movimentos de RCC⁶ que normalmente conseguem um ajuntamento de pessoas neste número de forma anual e não semanal. Tal realidade nos

¹ Santuário Mãe Rainha Três vezes Admiráveis de Schoenstatt

² BORIN, M. R. . As fronteiras do catolicismo e as interfaces com a religiosidade popular: o Movimento Apostólico de Schöenstatt. REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, v. V, p. 1-20, 2013.

³ TAVARES, Aline Cristine . Schoenstatt: trajetória de um movimento católico em tempos de neo-romanização. 2010. M0onografia de Conclusão de Curso de Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

⁴ <https://www.arquidiocesepb.org.br/index.php?arqui=pages/paginasMenuEstatica&id=38>, acessado em 15 de março de 2018.

⁵ Comunidades Eclesiais de Base.

⁶ Renovação Carismática Católica.

motivou a aprofundar o sentido mítico, simbólico, socioantropológico existentes na Missa da Luz, buscando problematizar o objeto de forma imparcial, como forma de possibilitar um caminho de compreensão deste fenômeno que cresce a cada momento celebrado.

Temos como objetivo propiciar uma reflexão de caráter simbólico, fenomenológico, sociológico em torno do mundo religioso vivido pelos fiéis que frequentam o santuário na celebração da Missa da Luz as quintas-feiras.

Desenvolvermos um estudo que problematize a referida cerimonia, visa colaborar com a compreensão de tantos movimentos eclesiais, a exemplo das Equipes de Nossa Senhora, RCC, Arautos do Evangelho, Sagrado Coração de Jesus, Consolação Misericordiosa, que veem surgindo ou ressurgindo desde a década 1950 do século passado, observamos o crescimento de uma reafirmação mariana e devocional que cada vez mais atrai milhares de pessoas, que encontram ali um alívio, consolo e respostas para seus problemas cotidianos ou temporais. A nível universal podemos destacar o Pontificado de Pio XII com a aprovação do dogma *MUNIFICENTISSIMUS DEUS* em 1º de novembro de 1950; O Concílio Vaticano II (1965): *CONSTITUIÇÃO DOGMATICA LUMEN GENTIUM* no Capítulo VII: A Bem-Aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, no mistério de Cristo e da Igreja; a *CONSTITUIÇÃO SACROSANCTUM CONCILIUM*, no capítulo II: o Sacrossanto Mistério da Eucaristia.

Desenvolver uma análise em torno de um objeto que, traz em si uma tradição devocional ligada aos símbolos da Eucaristia e da Luz, nos desafia a entender o sentido construído por essa tradição. Neste aspecto O livro *Ciência do Homem e Tradição* de Durand (2007) onde ele caminha conosco e nos faz entender essa tradição e seu surgimento, contribuindo assim para uma leitura através das quatro linhas: a histórica, simbólica, fenomenológica e sociológica.

Ao abordarmos se utilizando do imaginário seguimos um caminho que calcado através da proposta de Gilbert Durand em *Ciência do Homem e Tradição* (2008), *Campos do Imaginário*, *Imaginação Simbólica* (1994), *As estruturas Antropológicas do Imaginário* nas quais o mesmo possibilitam uma compreensão não reducionista, e sim de forma ampla desenvolvendo uma compreensão valorizando todo um conjunto de fragmentos que formam o imaginário presente na Missa da Luz, realizando um processo de mitoanálise em relação ao fenômeno, através da observação do espaço temporal do imaginário.

Sendo o objeto com aspectos contemporâneos e também antigas expressado por um número de imagens, crenças ideias e mitos, que produz nos fieis uma energia visivelmente psíquica expressada através de cantos, orações e louvores coletivamente expressado, sendo

assim só com uma metodologia dinâmica como a do imaginário nos permite construir um caminho que nos leve a aprofundar a cosmologia que o integra.

O aspecto mitológico desenvolvido em torno da luz desde os tempos remotos, levou o homem a viver e produzir toda uma cosmologia dinâmica onde sua relação com o sagrado vai deixando de ser algo mediado para ser um encontro pessoal, sua fé não é fruto de algo que ouviu dizer, mas de uma experiência com o sagrado. Neste aspecto Bachelard através de sua obra *Psicanálise do Fogo* (1999) nos introduz na perspectiva antropológica e mítica, da relação do homem com o elemento fogo, gerador de luz. Nossa análise em relação a luz se iniciará no tocante a celebração já cultivada desde o medievo, no espaço conhecido como Santo Sepulcro em Jerusalém pelos ortodoxos e católicos, e inculturado na Missa da Luz, durante o processo celebrativo da Vigília Pascal onde o fogo ganha um aspecto sagrado, que produz uma luz que dá vida.

A estrutura antropológica desenvolvida pela teoria do imaginário de Gilbert Durand na obra *Ciências do Homem e Tradição: O Novo Espírito Antropológico* (2008) , abordando o homem em suas aspirações integrais nos possibilita entender as motivações que levam as pessoas a saírem de suas casas, viajar quilômetros de distância para vivenciar sua experiência de fé naquele espaço sagrado, que mistura histórias de vida e identidades diversas, onde uma teoria reducionista que trate apenas de um aspecto humano não conseguiria extrair os sentidos e compreensões desejadas dos agentes que compõe o objeto pesquisado .

Para conseguirmos alcançar nosso objetivo buscamos como método não apenas o aporte teórico já apresentado por nós, mais a ida ao campo. No campo observamos os espaços imagéticos e simbólicos presentes no Santuário, em um segundo momento as reações e participação dos fiéis que para lá se dirigem todas as quintas feiras. Outro espaço observado por nós foi o da Internet através do Facebook Instagram e na TV Arapuan de comunicações pela qual o Padre Nilson Nunes transmite essa celebração. Além da coleta de dados adquiridas com a secretaria da paróquia, referente ao número de velas e boletins distribuídos aos fiéis nas celebrações de maio de 2017 a maio de 2018.

Utilizar o imaginário desenvolvido por Gilbert Durand como método de análise, nos possibilita não só ver o que diversos veem e observam, mas além, já que através da teoria, é possível fazer uma leitura de dados e sentidos, não só através da escrita, mas também a partir das imagens existentes na Missa da Luz, percebidas através de gestos, cânticos e objetos devocionais trazidos pelos fiéis, visão essa apresentada pelo autor na obra *O Imaginário* (2004),

que desenvolve todo um processo de abordagem a figura do mito e seus sinais reproduzidos pelas imagens que o cerca.

Evidentemente não desejamos aqui elencar que existe uma verdade plena no campo acadêmico, mas caminhos que devem ser percorridos intensamente, porque só assim poderemos entender as paisagens existentes, o que nos incentiva a buscar no campo, participando das celebrações, onde temos contato com os fiéis e melhor entender, o fenômeno religioso ocorrido na Missa da Luz no S.M.T.A.S de João Pessoa, onde chegamos normalmente as 18:00hs horário que chegam as primeiras caravanas de fieis e ficamos até as 23:30hs, momento em que estão saindo as últimas caravanas de devotos de volta aos seus lares. Escutar os depoimentos dos fiéis e organizadores tem nos possibilitado entender o espírito que os envolvem e movimentam a vida religiosa existente naquele templo religioso.

1. PASSANDO A LIMPO: DA INFÂNCIA A VIDA ACADÊMICA.

Eu Andréa Maranhão de Oliveira Dantas Abrantes, nasci na cidade do Rio de Janeiro – RJ, carioca, em 09 de março de 1964 ao meio dia na maternidade Carlos Vasconcelos na Tijuca, filha de Carlos Aloisio Pinto Dantas e Mabel Maranhão de Oliveira Pinto Dantas. Fui batizada aos nove meses de idade na Igreja São José no Bairro da Lagoa na cidade do Rio de Janeiro – RJ, sendo meus padrinhos meus avós maternos Ignez Maranhão e José Gomes Correia de Oliveira. Aos meus sete anos iniciei meus estudos de catecismo no colégio Imaculada Conceição no Bairro de Botafogo, tendo realizado a primeira comunhão aos oito anos de idade na Igreja Imaculada Conceição pertencente ao referido colégio.

Passei a minha infância até os treze anos de idade no bairro do Jardim Botânico na zona sul do Rio de Janeiro, lugar agraciado pela natureza, onde todas as manhãs despertava e contemplava o som do Sabiá-laranjeira, João de Barro e Canários, o que contribuiu muito para minha formação humana e religiosa.

Desde pequena estudei em colégios religiosos coordenados por freiras a exemplo do São Marcelo na Gávea, bem como no Colégio Imaculada Conceição na Praia de Botafogo da Ordem Vicentina, tanto na escola São Marcelo, como na Imaculada da Conceição, nossa rotina matinal incluía uma oração do Pai-nosso seguida por uma Ave-Maria, onde eram passadas para as crianças a doutrina católica. Essa convivência diária com o mundo religioso ao longo da minha trajetória escolar reforçou a religiosidade que existia no meu seio familiar pois toda a minha família materna e paterna são de credo católico, e tínhamos como pratica todos os domingos ao final da tarde participarmos da Missa Dominical na Igreja da Imaculada Conceição em Botafogo, bem como participar das ações sociais da nossa paróquia e do nosso bairro.

Minha infância foi marcada por muitas brincadeiras na rua, pois era comum naquela época, as crianças brincarem na rua por não haver ainda um processo de verticalização tão intenso e não ser marcado por tanta violência, como na atualidade. Entre tantas brincadeiras as que mais marcaram minhas memórias foram: pular amarelinha, pique esconde, queimada, escravos de Jô, também criamos o Clubinho Arranca toco, brincava de boneca, mamãe posso ir, pique –bandeira, escorrega, balanços, trepa-trepa entre outros.

Frequentava sempre o Tivoli-Park, fundado na década de 1970 cujo o famoso proprietário era o dono do circo Orlando Orfei situado na lagoa Rodrigo de Freitas, assistíamos os filmes eu e minha família no famoso Cine Drive In, também situado na lagoa Rodrigo de

Freitas. Tínhamos por habito aos finais de semana irmos ao Clube Federal no Alto Leblon do qual éramos sócios, nadei muito nas excelentes piscinas existentes no clube, jogava ping-pong, brincava no parquinho, e aguardava ansiosamente o momento de desfrutar do delicioso Sundae de chocolate que eu tomava após meu saboroso almoço, pois ir ao clube aos finais de semana era um ritual aguardado por mim ao longo da semana, naquele local eu brincava, corria, nadava, resumindo me esbaldava.

Ao completar dez anos ganhei de presente de uma de minhas tias, um pato, o qual dei o nome de protocolo. Todos os dias pela manhã, minha mãe, eu e meu irmão Carlos Henrique, chamado carinhosamente de Kiko, íamos ao parque Laje pegar o sol da manhã, brincar nos brinquedos existentes, e conhecer um pouco mais da flora nativa. Protocolo o meu pato de estimação nos acompanhava nas nossas idas ao parque Laje, confundindo muitas pessoas que achavam que protocolo era um pato de brinquedo e não de verdade. Sempre gostei de animais, qualquer tipo de animal, porem o que eu mais gostava eram os cachorros, contudo nunca me foi permitido possuir um cachorro, em compensação tive, periquitos, peixes, tartarugas, porcos da índia, lebres e o meu pato protocolo.

Devido ao meu grande interesse por animais, adorava as nossas idas ao jardim-zoológico, situado no bairro de São Cristóvão na Quinta da Boa Vista, sempre aproveitávamos também para visitar o Museu Nacional. No Jardim Zoológico os meus animais prediletos eram os grandes felinos, os elefantes, ursos e girafas, o macaco Tião, era o mais famoso e querido desses animais, não só por mim, mas por uma grande quantidade de pessoas que iam ao jardim zoológico apenas para ver as traquinagens do mesmo. Esses passeios de finais de semana, sempre eram coroados com os famosos almoços na casa dos meus avós maternos, onde como primeira neta e afilhada, sempre tive muitas regalias e vontades realizadas, pelos meus amados e inesquecíveis avós Ignez e Oliveira, guardo nas minhas memórias, com muito carinho e afeto todos esses momentos que vivi com eles.

Na minha adolescência por volta dos 15 e 16 anos, prestei um serviço voluntário no Orfanato Mello Mattos durante um período de dois anos, situado no bairro do Jardim Botânico administrado pelas Irmãs do Sagrado Coração de Maria, onde convivi com crianças na faixa etária de cinco a oito anos, levando carinho atenção, brincadeiras e palavras de animo, através de orações, leituras bíblicas e partilha.

A maioria dessas crianças eram menores abandonados e em algumas situações pais que trabalhavam fora da cidade do Rio de Janeiro ou em casa de família, deixavam seus

filhos durante a semana e os buscavam nos finais de semana, a manutenção do orfanato era realizada através de doações de particulares em parceria com algumas empresas. Em meu coração sentia uma alegria muito grande ao estar ali com aquelas crianças, levando amor, alegria, esperança.

Na minha adolescência já por volta dos 17 quase 18 anos e no auge do filme Embalos de Sábado à noite, um dos momentos marcantes da minha vida foi minha festa de 18 anos embalada por Bee Gees, em clima de Disco Dance, muita meia soquete cintilante com sandália alta, pois era época da novela Dancing Days e a moda era calça siré, blusa amarrada com nó lateral, meias de lurex e salto alto. Paralelo a todo esse momento disco, que contagiava a todos, eu estava já me preparando para fazer o Vestibular da Cesgranrio em Direito. Passei para o curso de Direito na UERJ, na PUC-RJ, Candido Mendes, e UFF em Niterói. Acabei optando em cursar na PUC pois como todos sabem é uma instituição altamente conceituada, cursei até o quinto período, metade do curso, fiz boas amizades que perduram até o presente, contudo tive que interromper o meu curso, pois no ano de 1985 me casei aos 21 anos com o Aspirante a Oficial do Exército Brasileiro Paulo Roberto Abrantes, meu marido.

Após o nosso casamento, o qual foi celebrado pelo Padre Lemos e realizado na Igreja Santa Margarida Maria na Lagoa Rodrigo de Freitas, fomos morar em Uruguaiana no Rio Grande do Sul, fronteira com a Argentina e o Uruguai. Foram três anos nessa cidade de clima extremo e bairrismo acentuado, más com certeza foi um grande aprendizado para mim, pois morar longe de meus pais, aprender a resolver minhas coisas sozinha, encarar novos desafios, adaptação a vida de casada, novos costumes regionais e novas amizades foi uma forma de crescimento impagável que até os dias de hoje colho frutos dessa aprendizagem. Nesse período que morei em Uruguaiana, cursei o curso de Biologia e comecei a dar aulas de Inglês no curso Minsk e aulas particulares em minha residência, paralelo a essas atividades participava também de encontros na Igreja Matriz de Uruguaiana onde pude participar de estudos bíblicos, fiz parte do coral da igreja e ainda participei de ações sociais da família Militar junto com a igreja católica da cidade.

Após a nossa mudança de Uruguaiana para o Rio de Janeiro, no total foram 15 mudanças entre estados, cidades e até mesmo de bairros, resolvi que chegara o momento de ser mãe. Novamente estava na minha cidade maravilhosa, cercada da minha família, de amigos do meu habitat natural. A minha gravidez foi maravilhosa, sem nenhuma intercorrência, sobressalto, tive alguns enjoos no início da gestação e muita fome. Nosso filho nasceu no mês de fevereiro de 1989 às 19:28 da noite na maternidade São José no bairro do Humaitá na cidade do Rio de

Janeiro, pesando três kilos e 48 cm. Que momento maravilhoso, marcante, experiência singular, ser mãe, gerar e dar à luz a um ser humano que foi gerado pelo amor de duas pessoas, realmente uma mudança de 360 graus em nossas vidas.

Após esse período de dois anos no Rio de Janeiro nos mudamos mais uma vez para a cidade de Valença no interior do Estado do Rio de Janeiro, foram dois anos ótimos, cidade pacata, clima gostoso, e foi minha primeira vez onde tive a oportunidade de morar numa casa com quintal cheio de árvores frutíferas, muitas plantas, um jardim e uma pequena horta onde plantei hortelã, salsinha e outros temperinhos, contudo nesse período muito agradável e bucólico resolvi também estudar para prestar vestibular no curso de História que sempre foi uma disciplina que me atraiu muito no meu período escolar.

Depois de mais dois anos morando novamente no Rio de Janeiro após sermos transferidos de Valença, fomos para Brasília a capital da República. Ficamos também dois anos nessa cidade diferente, na verdade singular, sem esquinas, com suas especificidades, sem placas nas ruas, tudo setorizado, mas apesar disso tudo, nos acostumamos rápido e desfrutamos o melhor que aquele lugar poderia oferecer. Trabalhei em dois colégios particulares, e preparei alguns militares para prova de proficiência em língua estrangeira referentes a cursos no exterior. Nesse período de minha vida aproveitei e intensifiquei minha relação com o sagrado e procurei buscar crescer na fé cristã.

Quando saímos de Brasília fomos transferidos para Manaus onde residimos por três anos. Profissionalmente foi muito bom e rentável, pois lecionava no melhor colégio da cidade e ainda dava aulas em minha casa. Foi a segunda vez que tive a oportunidade de morar em casa com quintal e dessa vez até com piscina, foi muito prazeroso morar nessa cidade, apesar do clima sempre quente e muito úmido.

Ao saímos de Manaus voltamos finalmente para nosso Rio de Janeiro, fomos morar inicialmente no bairro da Barra da Tijuca, posteriormente na Tijuca e finalmente na Urca, na verdade na Praia vermelha bem em frente à estação do Pão de Açúcar. Nessa época nosso filho entrou no colégio Militar e cursou todo seu fundamental II lá, meu marido servia no Palácio Duque de Caxias e eu lecionei em colégios particulares, bem como cursos de Inglês.

Essa nova etapa de minha vida, foi marcada por um momento de muita dor, pois perdi meu pai nesse período, e por conta desse sofrimento me aproximei da igreja Protestante Presbiteriana levada por amigas, o que me proporcionou uma experiência muito prazerosa e enriquecedora, contudo ao nos mudarmos para São Paulo após um período de quatro anos

residindo no Rio de Janeiro, voltei a frequentar a Igreja Católica e passei a me engajar mais ainda nas ações sociais da minha paróquia, na pastoral da criança, com um olhar mais maduro e mais responsável.

Foi nesse período em São Paulo que comecei meu curso de Pedagogia Administração Escolar, Séries Iniciais e Educação Infantil nas Faculdades Integradas Campos Salles no bairro da Lapa, Faculdade altamente conceituada no curso de Pedagogia. Após a minha graduação emplaquei uma pós-graduação em Psicopedagogia na mesma instituição, o que me ajudou muito nos meus estudos e no meu conhecimento, a buscar compreender como o ser humano assimila e processa as informações construindo assim conhecimento.

Depois de seis anos maravilhosos em São Paulo, meu marido recebeu um convite para vir para a Paraíba, especificamente no Primeiro Grupamento de Engenharia, foi uma surpresa muito agradável para todos nós, pois já tínhamos a intenção de irmos para cá, devido aos laços familiares maternos que eu possuo, minha avó mãe da minha mãe, era natural de Araruna-PB e tia do atual Senador e ex Governador na época José Maranhão.

Ao chegarmos aqui na cidade de João Pessoa em pleno ano de campanha eleitoral, acabei arregaçando as mangas e me engajei na campanha de Maranhão com todo afinco. Após o pleito eleitoral, passei por momento de muita dor e surpresa, pois minha amada mãezinha ao chegar aqui na Paraíba para passar as festas de fim de ano, morreu inesperadamente de um AVC hemorrágico fulminante. Foi horrível esse momento que passei, pois já havia perdido meu pai a oito anos atrás e perder minha mãe dessa forma inesperada, foi um grande baque, mas vida que segue e como acabei gostando desse riscado político, pausei minhas atividades acadêmicas e fui trabalhar com meus primos a Deputada Estadual Olenka Maranhão e posteriormente meu primo o Deputado Federal Benjamin Maranhão ocupando função de chefe de Gabinete na Assembleia Legislativa da Paraíba e em outro momento assessoriei meu primo o Dep. Benjamin ficando responsável pelas suas mídias sociais entre outras funções, como também exerci a função a convite, de Presidente do Solidariedade Mulher da Paraíba, o qual meu primo Dep. Benjamin Maranhão era Presidente Estadual.

Ao longo desses quase nove anos que estou aqui na Paraíba, fiz vários trabalhos sociais em Manaíra bairro onde morei por três anos, ministrei palestras educativas nos colégios Nazinha Barbosa, Alice Carneiro, Seráfico da Nóbrega, bem como realizei um sopão semanal, além de rodas de bate-papo e outras ações sociais na casa das mulheres de mãos dadas na comunidade do São José, situado no bairro de Manaíra. Paralelo a essas atividades, as quais

sempre me fizeram muito bem, ingressei na pastoral da criança da igreja São Pedro Pescador, onde atualmente sou catequista e dou aulas aos sábados pela manhã.

Comecei a frequentar a Missa da Luz há algum tempo, a convite de algumas amigas que já frequentavam o local, e a cada encontro dessa celebração me surpreendia com a quantidade de pessoas que vinham de diversas localidades em busca de benção, de cura, de concretização de suas necessidades e seus anseios. Minha curiosidade foi aumentando em relação a aquela celebração e seus efeitos na vida das pessoas que eu conheço, suas falas foram despertando meu interesse em conhecer mais profundamente o fenômeno que estava presente naquela comunhão de fiéis.

O aspecto fenomenológico que está em presente no objeto de estudo, nos motivou a conhecer mais de forma mais autêntica o fenômeno, por esse motivo a necessidade de buscar apoio na teoria do imaginário, traçando assim um método de observação pautada nos efeitos expressados pelos fiéis, onde notamos formas de expressões que vão de lágrimas até êxtase, não explicado a luz da razão, que corríamos o risco de descaracterizar o objeto elencado.

A cada missa pude presenciar acontecimentos, que iam despertando minha atenção e vontade de avançar no conhecimento das partes que compõe a Missa da Luz e as manifestações ali realizadas, através dos seus cânticos, símbolos, orações preces e devoções praticadas naquele santuário de fé do povo paraibano. Foi nesse processo de estranhamento e vontade de analisar cientificamente a referida celebração, que então mais uma vez me vi em um processo de dúvida, já que venho do espaço da educação onde a questão religiosa está voltada ao ensino religioso e não a pesquisa no tocante a religião como objeto de pesquisa. Surgiu uma dúvida “O que fazer? Qual ferramenta devo utilizar para poder compreender o fenômeno? A resposta para minhas inquietações veio em 2015, quando eu passei a participar do grupo de pesquisa Videlicet na UFPB através do convite da Prof.^a Dr^a Ivanice Frazão de Lima e Costa, e a partir da minha participação nos encontros do grupo minhas idéias foram clareadas.

Fui desenvolvendo em minha mente uma possível forma de abordagem científica da Missa da Luz através das ferramentas ofertadas pela Pós-Graduação Ciências das Religiões na UFPB, como teoria resolvi escolher a do imaginário por me permitir analisar sem descaracterizar o objeto em cosmologia de fé e devoção dos fiéis que ali frequentam cotidianamente as celebrações eucarísticas seguida do rito da Luz que deu origem ao nome do evento, onde as pessoas com suas velas formam um mar de luz , que de acordo com o ritmo das

canções vão se movimentando e envolvendo a todos e todas com uma mística envolvente que marca a espiritualidade dos participantes que ali se encontram, buscando viver sua fé .

Ao ler por indicação do Profº. Dr. Carlos André no Videlicet/UFPB, a obra de Gilberto Durant, *Ciências do Homem e Tradição*, onde o mesmo me fez refletir em relação a Tradição e o Homem Tradicional de forma Filosófica, encontrei então na referida teoria um caminho de abordagem que eu tanto almejava como forma de poder realizar uma apreensão do meu objeto de pesquisa, “A Missa da Luz”.

Sei do desafio que terei para realizar a abordagem da Missa da Luz, mas buscarei manter a neutralidade em minhas análises acadêmicas, que eu consiga demonstrar o valor em realizar o estudo da referida celebração para o campo da Ciência da Religião e seus efeitos antropológicos, fenomenológicos, teológico e sociológico na vida dos envolvidos na celebração desde os ministros ordenados até o corpo laico, que realizam esse evento religioso, que desde 2012 deixou de ser algo apenas da Arquidiocese da Paraíba e passou a ser referencial no nordeste do Brasil, um exemplo de fé e devoção no meio católico, sendo já comparado a celebrações a exemplo do Pe. Marcelo Rossi em São Paulo, Padre Reginaldo Manzotti no Paraná e Padre Robson em Goiás. Que possamos cumprir nosso trabalho dissertativo de forma a abrir caminho para novas abordagens da Missa da Luz.

1.1 O AMBITO DA INVESTIGAÇÃO

1.1.1 O SENTIDO TEOLÓGICO DA MISSA

Temos como proposta investigarmos e analisarmos a Missa da Luz, mas antes de adentrarmos no ambiente do objeto, nós iremos buscar entender o sentido teológico do que vem a ser “A Missa” como evento constituído através dos séculos no catolicismo. Buscaremos as referências nos textos, bíblicos, na patrística e nos documentos eclesiais referentes as construções litúrgicas. Já que houve todo um caminho percorrido para se alcançar a realidade vivida hoje pelos fiéis, a missa como um ato celebrativo tem toda uma história que se remonta as primeiras comunidades, já que é na paixão, morte e ressurreição de Cristo, que a igreja atribui a primeira experiência celebrativa ao momento da última ceia relatada na Epistola de Paulo aos

Coríntios, nos evangelhos de Marcos, Mateus, Lucas, nos Atos dos Apóstolos e no evangelho de João⁷, contidos na Bíblia :

Com efeito, eu mesmo recebi do Senhor o que vos transmiti: na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus Tomou o pão, e depois de dar graças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim”. Do mesmo modo, após a ceia, também tomou o cálice, dizendo: “Este cálice é a nova Aliança em meu sangue; todas as vezes que dele beberdes, fazei em memória de mim”. Todas as vezes, pois, que comeis desse pão bebei desse cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha. (1 Cor. 11, 23-26)

A referida leitura é considerada pela ciência bíblica como um dos primeiros relatos da ceia, já que a mesma foi escrita por volta do ano 50 d.C., enquanto o primeiro evangelho que é o de Marcos foi escrito a partir do ano 60. Através de Paulo de Tarso que demonstra a ceia como momento de memória na cultura semita da qual o mesmo fazia parte por ter sido educado por um dos maiores Rabinos do século I que foi Gamaliel (cf. At, 22,3), versado no grego, hebraico e provavelmente latim por ser um cidadão romano.

Outra fonte do século I relacionado ao evento da ceia, são os evangelhos sinóticos, MT-MC-LC. “O nome “sinótico” foi dado aos escritos dos três primeiros evangelhos pelo pesquisador alemão J.J. Griesbach, em sua obra *Synopsis evangeliorum* [Sinopse dos evangelhos], publicada em Halle, 1776” (MARCOCINI,2007, p 10). A partir da teoria sinótica se defende que os autores dos três referidos evangelhos tiveram uma fonte comum no momento da escrita dos seus textos. No tocante a ceia iremos em seguida apresentar as narrativas produzidas pelos sinóticos:

Enquanto comiam, ele tomou o um pão, abençoou, partiu-o e lhes deu, dizendo: “Tomai, isto é meu corpo”. Depois tomou o cálice, redeu graças, deu a eles, e todos beberam. E disse-lhes: “Isto é meu sangue, o sangue da Aliança, que será derramado em favor de muitos. Em verdade vos digo, já não beberei do fruto da videira até aquele dia em que beberei o vinho novo no Reino de Deus. (Mc 14,22-25)

Enquanto comiam, Jesus tomou um pão, e tendo-o abençoado, partiu-o e, distribuindo-o aos discípulos, disse: “Tomai e comei, isto é o meu corpo”. Depois, tomou um cálice e, dando graças, deu-o a eles dizendo: “Bebei dele todos, pois isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que é derramado por muitos para remissão dos pecados. Eu vos digo: Não beberei mais deste fruto

⁷ A sequência que dispomos dos livros seguem o período histórico proposto pela Exegese Bíblica e não a forma pedagógica que foi organizada a coleção a partir do século V no Ocidente.

da videira até o dia em que convosco beberei o vinho novo no Reino do meu Pai. (Mt 26, 26-29)

Quando chegou a hora, ele se pôs à mesa com seus apóstolos e disse-lhes: Desejei ardentemente comer está páscoa convosco antes de sofrer, pois eu vos digo que já não a comerei até que lá se cumpra no Reino de Deus”. Então, tomando uma taça, deu graças e disse: “Tomai isto e reparti entre vós; pois eu vos digo que doravante não beberei do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus”. (Lc 22, 14-18)

Como podemos constatar em ambas comunidades o relato da ceia foi algo registrado e guardado pelos seguidores de Jesus e seus discípulos, a prática do ritual da ceia é uma identidade das primeiras comunidades cristãs, juntamente coma a oração e partilha dos bens, a exemplo do que nos testemunha Lucas no texto dos Atos dos Apóstolos 2, 42-47, no tocante a primeira comunidade cristã de Jerusalém:

Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, a fração do pão, e às orações. Apossava-se de todos o temor, pois numerosos eram os prodígios e sinais que realizavam por meio dos apóstolos. [...] Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração.

Mais uma vez a fração do pão está presente na comunidade Jerusalém , e também é uma das virtudes que os fiéis devem praticar para serem inseridos na vida comunitária, estava a ceia como ápice da vivência dos primeiros cristãos, seguidos por atos de fraternidade constantes, onde a necessidade de cada um era suprimida, como forma de demonstrar sua experiência, a partir de uma ação prática não só teórica, mas com a autoridade disseminada por Jesus de Nazaré que está no tocante ao serviço, não em ser servido, mas ser o caminho em busca dos necessitados.

Um outro texto importante relacionado ao mistério da celebração da ceia é o contido no evangelho de João ou quarto evangelho, onde se demonstra claramente que para se fazer parte da mesa sagrada há uma necessidade de entender o mistério do cristianismo que não se remonta ao poder, mas servir, o maior de todos é aquele que serve não o que só manda e exige dos demais. A libertação acontece quando se põe a serviço do próximo (Jo 13, 2-5.16):

Durante a ceia, quando já o diabo pusera no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, o projeto de entregá-lo, sabendo que o Pai tudo pusera em suas mãos e que ele viera de Deus e a Deus voltava, levanta-se da mesa, depõe o

manto e, tomando uma toalha, cinge-se com ela. Depois põe água numa bacia e começa a lavar os pés dos discípulos e enxuga-os com a toalha com que estava cingindo. [...]. Em verdade, em verdade, vos digo: o servo não é maior que seu senhor, nem o enviado maior do que quem enviou.

Podemos ver de forma sintética através dos textos bíblicos a fundamentação bíblica da eucaristia, mas como podemos contemplar ainda não era chamada de missa esse momento celebrativo da vida cristã. Então nos perguntamos, qual o período e onde se iniciou essa tradição de se denominar missa a celebração da ceia cristã? Em meio as nossas pesquisas encontramos caminhos que nos esclareceram algumas questões que nos fara compreender melhor a missa e sua formação em meio ao cristianismo primitivo.

De acordo com Daniel Rops em sua obra “Missa Est “ nos aponta que encontramos a palavra missa como forma de identificar a celebração da ceia por volta do século VI d.C. (1955, p 2):

A Missa é, essencialmente, o memorial de um drama, um drama sem cessar recomeçado, sem cessar presente a nós, uma tragédia eternamente prolongada. A palavra, com que desde o século VI se designa, esta palavra Missa, tirada da formula que outrora a terminava – o *Ite Missa est* – pode parecer muito pequena para designar um tão profundo mistério, e os termos, outrora em uso, poderiam parecer mais convenientes: ação de graças, liturgia, fração do pão, sinaxe ou assembleia, ou ainda, como escreveram um Tertuliano, um S. Justino, um S. Cipriano, Dominica Passio, a Paixão do Senhor.

Outra fonte que nos orienta na compreensão da definição da palavra “missa” é obra “Meu Livro de Liturgia “ do Con. Hilário Witjen, através de sua obra nos aponta as possibilidades de quando se iniciou a Ceia ser denominada missa (1938, p. 61):

No livro intitulado “Instrução Eclesiástica” por Fr. João de S. Joseph do Prado, publicado no ano de 1736, o autor dá a seguinte etimologia e definição real da Santa Missa, as quais reproduzo literalmente: “Missa enquanto ao nome, não se pode verificar com certeza donde lhe venha a sua origem: huns dizem, que esta palavra Missa he deduzida da palavra hebraica “Missah” que quer dizer oblação, oferta voluntária, e espontânea, ou oração; pelo que da dita voz Hebraica, se deriva Missa para os Christãos explicarem o Sacrificio incruento do altar. Sic Baron, ano 34. O motivo que houve na primitiva Igreja para usarem desta palavra Missa, indicadora do Sacrificio do altar, foi para que os Gentios daquele tempo, que excessivamente perseguição os verdadeiros Chirstãos, quando estes convidavam huns aos outros, para Missa, não entendessem o que os Chistãos nisto diziam: e assim pudessem com menos perigo celebrar e assistir a este incruento Sacrificio.

De acordo com Conego Hilário a partir dos estudos de Frei João do Prado (1736) o sentido da palavra missa está voltada diretamente ao sacrifício praticado na liturgia eucarística da missa onde no momento em que se oferta o “Pão e Vinho” como forma de oblação, por entender a celebração um ato de louvor e agradecimento, ou como costumamos chamar ação de graças. O mesmo Con. Hilário nos fala que há autores que nos informam um outro sentido para palavra “Missa”:

Outros AA., porém, não sem grande fundamento dizem, que esta palavra Missa, he toda Latina (oriunda das últimas palavras, que diz o sacerdote virado para o povo: *Ite Missa est*). Introduzida pelo mesmo povo e aceita pela Igreja, a semelhança dos antigos, porque os sacerdotes dos Ídolos, quando acabavam o Sacrifício viravam-se para o povo, e diziam umas palavras no seu idioma, as quais no Latino e o mesmo, que dizerem aos assistentes, que se podiam ir embora, que estava acabado o Sacrifício, *Sic Apuleo. Lib. II, Metam.* Isto he Missa, quanto a Etymologia do nome.

1.1.2 O SENTIDO HISTÓRICO DA MISSA

Como toda ação humana, podemos avaliar além do sentido teológico, também os impactos e desenvolvimento histórico de ações celebrativa como a missa, nesta fase iremos realizar um processo de análise das fases da Missa no decorrer da história da idade antiga até a contemporânea a partir da obra “Meu Livro de Liturgia do Conego Hilário Witjen (1938), como forma de entendermos a formatação da Missa da Luz, objeto de nossa pesquisa.

a) A missa até o século V.

Na primeira parte do nosso trabalho já discutimos o sentido bíblico da missa, onde também destacamos as leituras que nos trazem as informações da Santa Ceia, por esse motivo iremos tratar a partir da Patrística e escritos que não estão na bíblia, mas nos fornecem informações importantes quanto a formatação da Missa como expressão e identidade de fé do Cristianismo dos primeiros séculos onde iremos encontrar diversas formas celebrativa, formadas por diferentes ritos, de acordo com o Con. Hilário um dos primeiros foi o ágape (1938, p.65):

O mais importante destes ritos, porém foi a ágape, ou festim de caridade, inteiramente distinto do sacrifício, por suas origens, que já no tempo de São Paulo precedia a Eucaristia. Lembrava ele a ceia de Cristo com seus apóstolos, que também precedeu a Instituição da Eucaristia. A princípio, a ágape tinha lugar antes da comunhão, enquanto se faziam a leitura da escritura, o canto dos salmos e orações. São Paulo, porém, viu-se obrigado a assinalar certos

abusos e, no princípio do século II, a ágape se fazia a noite; a Santa Missa, pela manhã.

Esse processo de vivência da missa se dá no século V ainda sobre as influências dos apóstolos e da patrística, destacando a apologia de São Justino do século I direcionada ao Imperador Romano Antônio Pio e seus filhos Marco-Aurélio e Lucio Vero, bem como ao povo Romano, salientando que ainda na época de Justino não temos um cristianismo as claras, mas nas catacumbas (Wijten,1955). Podemos notar mudanças principalmente no século III (Wijten, 1955, p.68):

A partir do meado do século III, o latim começou a substituir o grego e tornou-se a língua oficial da Igreja. Cessada a perseguição em 312, sob Constantino a Igreja conquistou a existência legal e a liberdade. Este trouxe consequências enormes a vida social da Igreja, a disciplina e a liturgia. [...] Foi neste período que a Missa e o Cânon foram reformados. O Cânon porém como nós o temos, é do século VIII e quanto aos seus elementos principais do século IV.

b) Missa do Século VI ao XI.

Observamos que tanto no ocidente quanto no oriente temos um processo de mudanças no âmbito da liturgia da missa a partir do século VI mudanças na estrutura e destacamos o processo do rito da missa “[...] São Gregório fez assim uma modificação transpondo o Pater antes da fração. Antes dele o celebrante, tendo dado o beijo de paz fazia a fração do pão, e ia em seguida para o trono rezar o Pai Nosso. ” (Idem, 1955). Sentimos essas mudanças gradativamente através dos tempos, a partir de cada diocese e que foi sendo incorporado, de forma universal na vida da igreja.

As últimas mudanças que contemplamos no rito se dá no século IX e X quando a celebração vai chegando além do império romano e se faz presente no Sacro-Império Germânico e na Gália “Do século IX ao século XI, exerceram-se na liturgia romana reações e influências estrangeiras que modificaram seu caráter. Deve-se, portanto, distinguir no missal, o que é anterior ao século IX e o que veio juntar-se estas adições são ordinariamente de origem galicana. ” (Wintjen,1955, p. 68).

c) A Missa no Brasil Colônia

Encontramos diversas obras que retratam a Missa no contexto do Brasil Colônia entre eles está o Capistrano de Abreu em sua grandiosa obra Capítulos da História Colonial do século XIX ele nos oferece uma fala do período (Abreu, 1997, p.61):

A vida nas missões resume-a assim um jesuíta contemporâneo: "Ensinam-lhes os padres todos os dias pela manhã a doutrina, esta geral, e lhes dizem missa, para os que a quiserem ouvir antes de irem para suas roças; depois disso ficam os meninos na escola, onde aprendem a ler e escrever, contar e outros bons costumes, pertencentes à polícia cristã; à tarde tem outra doutrina particular a gente que toma o Santíssimo Sacramento. Cada dia vão os padres visitarmos enfermos com alguns índios deputados para isso; e se têm algumas necessidades particulares, lhes acodem a elas; sempre lhes ministram os sacramentos necessários... O castigo que os índios têm é dado por seus meirinhos feitos pelos governadores e não há mais que quando fazem alguns delitos, o meirinho os manda meter em um tronco um dia ou dois como ele quer; não tem correntes nem outros ferros da justiça...

Nos deparamos com dois mundos diferentes, com sentidos próprios, já que o indígena que aqui vivia era fruto de diversas influencias adquiridas durante suas migrações, com aspecto próprio de liberdade, sem dogmas, mas práticas primitivas, desconhecidas dos europeus, que nada compreendiam tendo os mesmos assim que se adaptar e adaptarem seus ritos como forma de passarem e realizarem sua catequese (Mello,1982).

A partir e 1549 os Inacianos chegam ao Brasil com uma missão de conquistar novas almas como resposta a Reforma Protestante recém fundada na Europa, Portugal e Espanha, foram um dos poucos reinos a não serem diretamente atingidos pelo movimento iniciado por Lutero em 1517, sendo os Inacianos os percussores da questão catequética, desde o momento que aportaram em Salvador, tendo a responsabilidade de desenvolver os aspectos missionários e catequéticos (Santos,2009, p.65):

Os primeiros missionários jesuítas enviados ao Brasil chegaram à Bahia no ano de 1549, acompanhando o primeiro governador-geral, Tomé de Sousa, incumbidos da tarefa de catequizar os nativos. O impulso dado por Mem de Sá ao projeto traçado pelo padre Manuel da Nóbrega no final da década de 1550, no qual os indígenas eram forçados a se deslocarem para as aldeias jesuíticas e se sujeitarem a “polícia cristã”¹²¹ - uma vez que a resistência justificava a “guerra justa” contra os nativos - resultou no assentamento de quatorze aldeamentos no Nordeste brasileiro, reunindo cerca de quarenta mil indígenas. Porém, a situação declinara de tal maneira que a Companhia de Jesus entraria na década de 1580 com apenas três aldeias na Bahia - Espírito Santo, São João e Santo Antônio -, reunindo no máximo três mil e quinhentas

almas, e duas no Rio de Janeiro, São Lourenço e São Barnabé, somando três mil “índios cristãos”.

No texto acima nos deparamos com um mundo de conflitos entre os nativos que veem na natureza suas manifestações religiosas, nessas se encontram. O sacerdote é envolvido de mistérios e animismos, como nos demonstra o Frei Vicente Salvador em obra História do Brasil (1627), ao relacionar os estranhamentos entre indígenas e religiosos, que se encontravam em estágios e mundos diferentes, de um lado o indígena que via na natureza sua origem e existência, o banho de rio, a pesca a brincadeira, o sentar na esteira. Em contra partida os religiosos que se viam como os dominadores da natureza homens castrados na vida pela moral e se quer viam nas vergonhas dos nativos um ato pecaminoso, que devia ser combatido a todos custo, já que aquelas almas necessitavam ser salvas, precisavam de disciplinas, através da catequese e participação nos sacramentos, por considerarem os mesmo bárbaros (Salvador, 1627, p.17): “Nenhuma fé tem nem adoram a algum Deus; nenhuma lei guardam, ou preceitos, nem tem rei que lhe dê, e a quem obedeçam, senão é um capitão, mais para a guerra, que para a paz, o qual entre eles é o mais valente e aparentado; e morto este, se tem filho, e é capaz de governar, fica em seu lugar, senão algum parente mais chegado ou irmão”.

Frei Vicente Salvador nos mostra uma ideia das estruturas das aldeias encontradas no Brasil Colonial, salientamos que não há uma uniformidade na forma de organização das aldeias o que obrigou os missionários a diversificarem suas formas de atuação, já que apesar de estarem no mesmo continente, a cada grupo indígena encontrado eles vão percebendo uma forma diferente de convivência apesar de muitas vezes estarem ligados pela mesma nação étnica, mas isso nunca representou uma uniformidade na questão indígena brasileira (1627, p.18):

Porém as mais castas de índios vivem em aldeias, que fazem cobertas de palma, e de tal maneira arrumadas, que lhes fique no meio um terreiro, onde façam seus bailes e festas, e se ajuntem de noite a conselho. As casas são tão compridas que moram em cada uma 70, ou 80 casais, e não há nelas algum repartimento mais, que os tirantes, e entre um e outro é um rancho, onde se agasalha um casal com sua família, e o do principal da casa é o primeiro no copiar, ao qual convida primeiro qualquer dos outros, quando vem de caçar, ou de pescar, partindo com ele daquilo que traz, e logo vai também repartindo pelos mais, sem lhe ficar mais que quanto então jante, ou ceie, por mais grande que fosse a cambada do pescado, ou da caça.

Há uma necessidade de aprofundarmos cada vez mais a questão da étnica indígena como uma forma de entender e respeitar sua etnicidade e real valor no processo de identidade

do Brasil, segundo Roberto Cardoso de Oliveira (2005⁸) apesar de ter se passado séculos, mais o reconhecimento indigenista ainda é desprezado por diversos setores, apesar de não ser objeto de nossa pesquisa não poderíamos deixar de fazer memória.

d) A missa segundo o Sacrossanto Concílio.

As últimas mudanças ocorridas no rito da missa se deve as resoluções do Concílio Vaticano II, através da Constituição Sacrossanto Concílio, destacamos em nossa abordagem o processo de enculturação na liturgia, principalmente no tocante ao idioma, apesar de no passado ter ocorrido tentativas de se utilizar da língua vulgata na liturgia, é o Sacrossanto Concílio que irá realmente efetivar as esperadas mudanças no processo celebrativo da missa possibilitando uma maior participação do povo, que a partir do Concílio passa a ser reconhecido como Povo de Deus (S.C. nº 36) :

36. [A língua litúrgica]

§ 1. A língua latina, salvo direito particular, será usada nos Ritos latinos.

§ 2. Dado, porém, que não raramente o emprego da língua vernácula pode revestir-se de grande utilidade para o povo, quer na Missa, quer na administração dos Sacramentos, quer em outras partes da Liturgia, poderá conceder-lhe um lugar mais amplo, especialmente nas leituras e admissões, em algumas orações e cantos, segundo as normas estabelecidas para cada caso nos capítulos seguintes.

§ 3. Observando estas normas, pertence à competente autoridade eclesiástica territorial, a que se refere o artigo 22 § 2, e consultados também, se for o caso, os Bispos das regiões limítrofes da mesma língua, estabelecer o uso e o modo da língua vernácula, com decisões que deverão ser aprovadas ou confirmadas pela Sé Apostólica.

§ 4. A tradução do texto latino em língua vernácula para uso na Liturgia deve ser aprovada pela autoridade eclesiástica territorial competente acima mencionada.

Em suas atribuições o Concílio se abre as adaptações da missa de acordo com cada povo, respeitando os aspectos culturais onde se realiza as celebrações da eucaristias, realizando assim uma revolução litúrgica, aceita pelos meios de progressistas da igreja romana, mas contestada pelos conservadores (S.C. nº 37-38):

⁸ Caminhos da Identidade: ensaio sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: UNESP, 2005.

37. [Respeito da Igreja pelas qualidades dos diversos povos]

Quando não está em causa a fé ou o bem de toda a comunidade, a Igreja não deseja impor uma rígida uniformidade, mesmo na Liturgia; pelo contrário, cultiva e promove as qualidades de espírito e os dotes das várias raças e povos; e tudo quanto nos costumes dos povos não está indissolivelmente ligado a superstições e erros, a Igreja o aprecia com benevolência e, quando é possível, o conserva intacto, chegando mesmo a admiti-lo na própria Liturgia, desde que se harmonize com o verdadeiro e autêntico espírito litúrgico.

38. [São admitidas adaptações]

Salvaguardando a unidade substancial do Rito romano, admitam-se legítimas diversidades e adaptações aos vários grupos étnicos, regiões e povos, sobretudo nas Missões, mesmo ao fazer a revisão dos livros litúrgicos; tenha-se isto oportunamente diante dos olhos ao estruturar os ritos e ao estabelecer as rubricas.

Todas essas mudanças foram gradativamente sendo desenvolvidas no seio da igreja católica a partir principalmente da década de 1970 do século XX, que os livros litúrgicos vão saindo de acordo com as orientações conciliares, já que a última que tinha ocorrido oficialmente foi com PIO V em 1570 pós Concílio de Trento, em pleno processo da contrarreforma, que nós brasileiros passamos a conhecer a partir da segunda metade do século XVII (Aldazabal,2011).

1.2. O DESENHO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA

Refletir sobre determinado objeto no processo de desenvolvimento em um projeto de pesquisa é algo que exigem do pesquisador a escolha de um caminho que o ajude encontrar a direção como forma de possibilitar uma melhor abordagem do objeto, respeitando os limites que garanta fidelidade as informações fornecidas pelo objeto.

Como estamos lidando com um objeto que tem em seu arcabouço o fenômeno religioso, buscamos um desenho teórico que nos possibilite entender a dimensão sagrada existente na missa da luz, já que as Ciências das Religiões se diferencia justamente por esse espírito de abordagem ao que se denomina religião e suas manifestações, por esse motivo apesar de se ter passado mais de um século não podemos esquecer das orientações de Rudolf Otto⁹, para se chegar a reconhecer o aspecto sagrado de um objeto “Detectar e reconhecer algo como sendo

⁹ Rudolf Otto (1869-1937) foi professor em diversas universidades alemãs, tendo chegado a titular de teologia em Breslau, de 1915 a 1917, transferindo-se em seguida para Marburgo, onde se aposentou em 1919. Disponível em: <http://www.institutodehumanidades.com.br/index.php/i/285-a-ideia-do-sagrado-de-rudolf-otto>.

sagrado é, em primeiro lugar, uma avaliação peculiar que, nesta forma, ocorre somente no campo religioso” (2011, p.37).

Em Otto aprendemos a necessidade de se observar bem as manifestações religiosas para podermos realizar bem a pesquisa no âmbito da Ciência da Religião, se dispor a apreender um objeto como a Missa da Luz requer um desprendimento e vontade de aprender com o objeto o que o mesmo tem a informar, é o que o autor de “O Sagrado” chama de experiência (2011, p.40) “[...] Pois quem conseguir lembrar-se das suas sensações que experimentou na puberdade, de prisão de ventre ou de sentimentos sociais, mas não de sentimentos especificamente religioso, com tal pessoa é difícil fazer ciência da religião”. Ignorar os sentimentos e sentidos das manifestações religiosas, impossibilita a compreensão do fenômeno religioso.

Observar os gestos e manifestações vividas pelos fieis é essencial para se fazer as análises do objeto pelas ciências das religiões, como forma de não tornar uma a mais, a repetir técnicas já conhecida das ciências humanas ou naturais. Temos a necessidade de distinguir através de nossas abordagens o campo que estamos atuando, não perdendo de vista o aspecto religioso e numinoso presente no cristianismo que estamos abordando observando cada momento e expressão realizada pelos fiéis e seus estados de espírito (2011, p.40):

Convidamos então, ao examinar e analisar esses momentos e estados psíquicos de solene devoção e arrebatamento, a observar atentamente o que eles não têm em comum com os estados de embevecimento moral ao contemplar uma boa ação, mas os sentimentos que os antecedem e que lhes são específicos. Como cristãos, sem dúvida nos deparamos inicialmente com sentimentos que de forma atenuada também conhecemos em outras áreas: sentimento e gratidão, de confiança, de amor, de esperança, de humildade, sujeição e submissão.

A Antropologia em muito contribui na compreensão dos sistemas simbólicos que cercam as religiões por serem os antropólogos aqueles que mudam a forma de olhar as relações humanas, relações essas que foram sendo desenvolvidas e aprimoradas com o tempo. Conheci o método de François Laplantine nas aulas da Disciplina de Antropologia da Professora Dilaine Sampaio o que me ajudou e muito a buscar desenvolver a partir da leitura da obra “Aprender Antropologia”, a qual contribuiu principalmente para o campo e as leituras simbólicas que cercam a Missa da Luz em virtude das ferramentas disponibilizadas através desta ciência (1988, p.85)

Foi a antropologia que se empenhou essencialmente em mostrar a lógica precisa dos sistemas de pensamento mitológicos, teológicos, cosmológicos, questão os das sociedades qualificada "tradicionais". Toda uma corrente de pesquisas aparece na França, particularmente representativa dessas preocupações: é a que, a partir dos anos 30, leva Maree Griaule e seus colaboradores a efetuar estudos sistemáticos, primeiro da mitologia dos Dogons, e depois, da religião dos Bambaras. Esses trabalhos¹ vão marcar duradouramente, não apenas o africanismo francês, mas também em a prática etnológica dos pesquisadores franceses. Deixando de lado, por assim dizer, a compreensão das relações de poder entre os diferentes protagonistas de uma sociedade (assunto da antropologia social, de que trataremos no próximo capítulo), estes orientam sua atenção para os seguintes aspectos: o estudo das produções simbólicas (artesanato), a literatura de tradição oral (mitos, contos, lendas, provérbios. . .) e dos instrumentos através dos quais essas produções se constituem (particularmente as línguas); o estudo da lógica dos saberes (losocos, religiosos, artísticos, científicos) existentes num grupo (o que abre o caminho para uma antropologia do conhecimento e para o que hoje qualificamos de "etnociências"). Em suma, de tudo que Griaule e seus sucessores chamam de "filosofia" das sociedades dogon, bambara. . . tal como se expressa através dos mitos e histórias tradicionais, da música, dos cantos, danças, máscaras e outros objetos culturais.

No aspecto antropológico, Gilbert Durand nos faz entender o “espírito antropológico” que necessita ser resgatado e entendido a luz da ciência, e a Teoria do Imaginário, possibilita esse suporte aos pesquisadores das Ciências das Religiões, e no tocante ao nosso projeto duas obras são necessárias “Ciências do Homem e Tradição: O Novo Espírito Antropológico¹⁰” e “Campos do Imaginário”, através destas obras podemos perceber e entender a Bacia Semântica que está presente na missa da Luz.

Entendemos que não há como se chegar ao resultado esperado sem haver a pesquisa de campo, onde necessariamente devemos conviver e se integrar ao espaço celebrativo, possibilitando assim uma abordagem antropológica como forma de evitar posições e leitura equivocadas e não nos perdermos em nossas práticas acadêmicas, já que executar um projeto em Ciências das Religiões, necessita por parte do pesquisador diversos critérios, para não confundir seu projeto com uma concepção teológica, antropológica ou puramente filosófica, pois necessitamos de todas elas, porém devemos preservar a própria identidade da referida ciência (Lanplantine, 2007, p. 149):

A abordagem antropológica considera de base, que todo pesquisador considera hoje incontrolável, quaisquer que sejam suas opções teóricas, provém de uma ruptura inicial em relação a qualquer modo de conhecimento

¹⁰ Gilbert Durand, 1997.

abstrato e especulativo, isto é, que não estaria baseado na observação direta dos comportamentos sociais a partir de uma relação humana.

Desenvolver a pesquisa através da convivência visa possibilitar não apenas uma abordagem através da apreensão de uma abundante quantidade de informações, mas devemos nos inserir e perceber seus objetivos, angústias e buscas de uma sociedade. Se inserir é a melhor forma de entender as ânsias que cercam cada fiel que chega para participar da missa, realizando assim uma experiência de imersão total com o objeto (Lanplantine, 2007, p. 150):

[...] se por exemplo a sociedade tem preocupações religiosas, ele próprio deve rezar com seus anfitriões. Para poder compreender o candomblé, “foi-me preciso mudar completamente minhas categorias lógicas”, escreve Roger Bastide (1978), acrescentando: “Eu procurava uma compreensão mineralógica e, mais ainda, análoga a organizações vegetais e cipós vivos”.

A pesquisa de campo exige de nós uma atenção especial e integral do objeto pesquisado e de todos os envolvidos, valorizando todos os aspectos apresentados por eles durante as observações possibilitadas pela pesquisa. Diferente do gabinete o campo sempre nos surpreende e nos traz informações não esperadas, como também nos fala em um momento que tanto almejamos, então nada deve ser descartado na pesquisa antropológica de campo (Lanplantine, 2007, p.156):

Uma das características da abordagem antropológica é que se esforça em levar tudo em conta, isto é, de estar atenta para que nada lhe tenha escapado. No campo, tudo deve ser observado, anotado, vivido, mesmo que não diga respeito diretamente ao assunto que pretendemos estudar. De um lado, o menor fenômeno deve ser apreendido na multiplicidade de suas dimensões (todo comportamento humano tem um aspecto econômico, político, psicológico, social, cultural...). De outro, só adquire significação antropológica sendo relacionado à sociedade como um todo na qual se inscreve e dentro da qual constitui um sistema complexo. Como escreve Mauss (1960), “o homem é indivisível” e “o estudo concreto” é “o estudo completo”.

Analisar um objeto a exemplo da missa da luz, nos põe defronte um objeto fruto da pós-modernidade, que depois de um processo de racionalização vivido na modernidade, onde a religião tentou ser decifrada de diversas formas ao ponto de se negar sua utilidade por parte das ciências humanas, que diversas vezes colocou a pesquisa sobre religião como algo

desnecessário ou alienante. Mas em meio a tantas mudanças sociológicas, em que a razão não pode suprir as necessidades humanas e seus anseios, contemplamos o fenômeno religioso como algo bastante presente e influenciando diversas gerações, no século XXI o fenômeno religioso veem influenciando a vida do povo e auxiliando no mal do século que são os problemas existenciais, Bauman denominou de ansiedade existencial (1998, p.209):

O oposto da segurança ontológica é a ansiedade existencial, que principia a ser confiante ou meramente despreocupada nos raros momentos em que se tornar evidente que a aptidão da rotina diária se para autoperpetuasse tem limites intransigíveis no tempo. [...] Nós chegamos a acreditar nas igrejas de toda parte que, sempre que pressionadas, insistem em que proporcionam o serviço de que necessita ser irresistível impulso humano de obter respostas para as “questões fundamentais” da finalidade da vida e de aplacar os medos, que se originam da ausência de uma boa resposta.

Esse é o objetivo de muitos que buscam as igrejas, encontrar respostas para tudo que quebra sua rotina quotidiana seja, por uma doença, desemprego, decepção amorosa, depressão ou outra e qualquer situação. Diante do que presenciamos no século presente, as pessoas veem na celebração da missa da luz um caminho para poder alcançar as respostas tão esperadas, para responder suas questões fundamentais, ligadas a vida, seus anseios e dúvidas. Tudo isso exigiu das igrejas uma nova pratica pastoral através de novas estratégias de acordo com Bauman, por esse motivo que buscamos nele e em sua análise sociológica o apoio para analisarmos a Missa da Luz, se utilizando principalmente da obra “O mal-estar da modernidade” que tivemos oportunidade de conhecer através das indicações bibliográficas da Pós-graduação em Ciências das Religiões, quando concorremos a uma das vagas, por isso quando iniciamos nosso projeto não excitamos em tê-lo como a porte teórico, em virtude de sua sensibilidade diante das transformações de nosso tempo, tanto no meu secular como regular (1998,210):

Sobre o poder pastoral, cujas técnicas o cristianismo elaborou e levou a perfeição, Michel Foucault escreveu que: (...) todas essas técnicas cristãs de inquirição, orientação da confissão, obediência, têm um fim: levar os indivíduos a trabalhar em sua própria “mortificação neste mundo. A mortificação evidentemente, não é a morte, mas uma renúncia deste mundo e de si mesmo: uma espécie de morte cotidiana. Uma morte que se supõe proporcionar a vida num outro mundo.

Ainda dentro do aspecto sociológico Bauman destaca a questão da eternidade, é nele que buscamos entender o aspecto sociológico que norteia a escatologia contemporânea e seus

impactos na vida dos fiéis da Missa da Luz, suas esperanças que são renovadas a cada missa de cada um e cada uma que ali frequenta (1998, p.211):

A esperança da vida eterna o sonho do céu e o horror do inferno não são a questão da partenogênese, embora seja disso que os filósofos da religião, quase conseguiram converse-nos. Esse martirizante terror da insuficiência que, como Kolakowski¹¹, nos deixa suscetíveis a uma mensagem religiosa, só se podia seguir a designação de tarefas que estivessem além do alcance dos instrumentos desenvolvidos para atacar as tarefas de vida diária e criassem, por isso, a insuficiência humana. Longe de sepultar a inquietação a respeito do “definitivo” traduzida agora para a questão da salvação, as igrejas trataram de fazer com que a inquietação saturasse todo recesso e greta da mente e consciências humanas, assim como predisse a totalidade das atividades da vida.

Nada pode ser descartado e sim valorizado cabe ao pesquisador a responsabilidade de buscar compreender essa realidade através do que lhe é apresentado pelo objeto segundo Malinowski (1922, p. 24) “Na pesquisa de campo, como acabamos de dizer, o etnógrafo tem o dever e a responsabilidade de estabelecer todas as leis e regularidades que regem a vida tribal, tudo que é permanente e fixo; apresentar a anatomia da cultura e descrever a constituição social. A partir do que expomos em relação à pesquisa encontramos em LAPLANTINE e MALINOWSKI as orientações de como devemos nos portar no campo durante a execução de nosso projeto

Outro aspecto importante de nossa pesquisa é o simbólico os diversos símbolos envolvidos nos levou a pensar na necessidade de analisá-los buscando decifrar seus significados e suas influências em meio a cultura da imagem que vivemos, por isso buscamos em MARDONES, ELIADE e DURAND, as reflexões necessárias para uma abordagem dos símbolos através de uma reflexão pautada na História e Ciências das Religiões de forma crítica com o objetivo de entender a religiosidade causada a partir da experiência na Missa da Luz que se dirigem ao Santuário Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt (Mardones, 2006, p. 11):

Se não levarmos em conta essa dimensão simbólica da religião, escarpanos-á o aspecto mais fundamental e penetrante da religião. Não explicaremos sua presença e persistência, suas formas implícitas ou difusas, aparentes ou realmente novas ou revitalizadas, que percorrem praticamente todas as veredas do humano. Estamos convencidos de que ou compreendemos essa

¹¹ Leszek Kolakowski, cientista político polonês.

dimensão simbólica da religião, ou não entenderemos nada sobre as manifestações religiosas. Por isso é importante que nos preocupemos com essa dimensão tão humana e tão central para religiosidade.

Diante do objeto apresentado nos vimos provocados a tentar entender qual a identidade que se forma nas pessoas a partir da convivência gerada na participação da Missa da Luz? Que imagem de Deus se formam nessas pessoas? Buscamos em ESTRADA uma tentativa de compreensão dessa ou dessas identidades e a imagem formatada do sagrado, sem comprometer o sentido numinoso, tão defendido desde o século XIX pelos percussos da Ciência das Religiões, que viveram um período de ampla sistematização do aspecto sagrado (2007, p. 100):

[...]O ser humano adquire identidade por identificação afetiva e imitação das pessoas por ele tomadas como modelos, a começar pela criança em relação aos pais. Precisamos de modelos que nos indiquem o caminho e nos deem o exemplo a seguir; e queremos ser como eles, o que nos faz que facilmente nossa identificação derive da aquisição daquilo que eles têm. As mediações absolutizadas oferecem a possibilidade de assemelhar-nos ao outro. Essa é uma dinâmica fundamental da publicidade nas sociedades de consumo.

A partir do conhecimento dos fiéis passamos a observar seus símbolos e seus sentidos neste mundo moderno, os elementos simbólicos que se encontram na missa da luz não são fruto da modernidade, mas como já apresentamos em nosso memorial está ligada ao mundo antigo, por esse motivo buscamos também em Jung um outro caminho para compreendermos os símbolos e seus impactos sobre o homem moderno (1964, p.105):

Este elo crucial entre os mitos arcaicos ou primitivos e os símbolos produzidos pelo inconsciente é de enorme valor prático para o Analista. Permite-lhe identificar e interpretar estes símbolos em um contexto que lhes confere tanto uma perspectiva histórica quanto um sentido psicológico. Examinaremos agora alguns dos mais importantes símbolos da antiguidade e mostraremos como — e com que propósito — são análogos aos elementos simbólicos que figuram em nossos sonhos.

Buscando não apenas um sentido, mas adentrando no contexto imagético produzido no ambiente sagrado através de ações e símbolos como orienta a teoria do imaginário desenvolvida por Gilberto Durand, não só a partir do próprio autor mais dos teóricos estudiosos do imaginário que surgiram a partir do contato com Teoria do Imaginário seja pelos escritos desenvolvidos

por Gilbert Durand, bem como pela convivência que se teve com o mestre, que desenvolveu uma gama de compreensão teórica partindo da leitura e hermenêutica do símbolo até essa cor relação do símbolo no tempo presente (Wunenburger, 2007, p.21):

Desse modo, o estudo do imaginário permite extrair uma lógica dinâmica de composição de imagens (narrativas, visuais), segundo dois regimes de polaridades noturnas ou diurnas, que originam três estruturas polarizantes: uma estrutura “mística”, que suscita configurações de imagens que obedecem a relações fusionais, uma estrutura heroica ou diáirética, que instala entre elementos todos os elementos clivagens e oposições partidas; enfim, uma estrutura cíclica, sintética ou disseminatória, que permite compor juntos num tempo [relativo à música] que engloba as duas estruturas antagonistas extremas.

Através do uso dos teóricos por nós apresentados buscaremos dissertar sobre nosso objeto, buscando sempre desenvolver um diálogo entre objeto e teoria, tendo como princípio identificar e qualificar o fenômeno religioso, causado pela Missa da Luz, na vida dos fiéis que se deslocam ao Santuário Mãe Rainha Três Vezes Admiráveis de Schoenstatt e realizam sua experiência de fé.

Se utilizando sempre do método comparativo entre teoria do imaginário e observação do objeto em campo e nas redes sociais, já que tanto na celebração as quintas-feiras bem como nas orações expostas nos ambientes virtuais podemos sentir e perceber os aspectos simbólicos, presentes nesta devoção.

1.3 OS OBJETIVOS DA PESQUISA

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a Missa da Luz através das Ciências das Religiões, buscando desenvolver uma análise sócio antropológica, compreender a influência do fenômeno na vida dos fiéis a partir da observação da participação dos mesmos nas celebrações e suas contribuições na transformação e experiências com o sagrado.

1.3. 2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- . Compreender as motivações que levam as pessoas a participarem da Missa da Luz, levando em conta os aspectos do Turismo Religioso presente na Celebração;

- Entender o contexto sócio econômico dos fiéis, e os símbolos que compõe que formam a celebração da Missa da Luz;
- Elaborar a Bacia Semântica da Missa da Luz;

1.4 HISTÓRICO DA PESQUISA

Ao abordarmos um objeto como a Missa da Luz, é imprescindível buscar compreender o seu valor histórico, conseqüentemente seu sentido simbólico, por compreendermos que entendendo como se comporta o fenômeno e suas influências causadas pelo símbolo através da celebração da luz no ambiente cristão no decorrer da história.

De forma didática apresentaremos o contexto histórico em que nasceu o Santuário Mãe Rainha Três Vezes Admiráveis de Schoenstatt, espaço onde acontece a celebração da Missa da Luz. Entre as abordagens que julgamos importantes para compreensão da história do referido espaço celebrativo está: o aspecto teológico da fundação do santuário e devoção desenvolvida pelo movimento Mãe Rainha Três Vezes Admiráveis de Schoenstatt presentes desde a fundação. Buscando não apenas um sentido, mas adentrando no contexto imagético produzido no ambiente sagrado através de ações e símbolos como orienta a teoria do imaginário desenvolvida por Gilberto Durand (Wunenburger, 2007, p.21):

Desse modo, o estudo do imaginário permite extrair uma lógica dinâmica de composição de imagens (narrativas, visuais), segundo dois regimes de polaridades noturnas ou diurnas, que originam três estruturas polarizantes: uma estrutura “mística”, que suscita configurações de imagens que obedecem a relações fusionais, uma estrutura heroica ou diáirética, que instala entre elementos todos os elementos clivagens e oposições partidas; enfim, uma estrutura cíclica, sintética ou disseminatória, que permite compor juntos num tempo [relativo à música] que engloba as duas estruturas antagonistas extremas.

Apesar de haver diversos caminhos propostos pela teoria do imaginário através do tempo, nos apropriamos das estradas trilhadas por Gilbert Durand por diversos aspectos que tratam das influências imagéticas, mas principalmente por sua abordagem antropológica, onde ele propõe o resgate do homem em sua forma integral¹², sem ser dividido em diversos pedaços como fizeram as Ciências do século XIX, já que as pessoas que participam da Missa da Luz são

¹² Durand em *Ciência do Homem e Tradição* afirma (1979, p. 15): “Mas meu propósito será, no mínimo dialético, ou até mesmo polemico: a esta restituição de uma figura do homem tradicional permitida pela ciência “de ponta” opõem-se constantemente as “desfigurações”.

envolvidas pelo aspecto de uma tradição , então buscar abordar apenas as razões sem tentar adentrar na imagética que compõe todo o rito , seria como abortar a essência do objeto.

No tocante a celebração da Missa da Luz iremos apresentar através de uma linha de tempo o surgimento da devoção, seu aspecto simbólico e teológico cultivado no meio católico bem como no ortodoxo, já que a prática devocional é vivenciada na Basílica do Santo Sepulcro em Jerusalém por cristãos ocidentais e orientais no decorrer da história da Fé Cristã. O aspecto mitológico e simbólico é a essência da vida cristã, presente desde os primeiros escritos, sejam eles canônicos ou apócrifos, a dialética entre trevas e luz, fazem parte do aspecto antropológico e soteriológica do cristianismo, herdado de diversas tradições que os antecederam, principalmente da Judaica, como bem nos lembra Durand (2008,p.55) “Assim a teosofia do êxodo , da mesma forma que o livro do Êxodo da Bíblia, é ao mesmo tempo o relato de uma viagem do nascimento de Moises a sua morte - como constituição de uma *liturgia*”.

Analisar a Missa da Luz através da Teoria do Imaginário, nos possibilitará adentrar, não só nas dimensões por nós já citadas anteriormente, mas trilhar um caminho recheado de mitos e mitemas que a pura razão não possibilitaria enxergar, nem tão pouco as Ciências da Alma sozinhas poderão nos orientar. Só com a abordagem realizada de forma integral apresentará uma panorâmica do objeto pesquisado, como bem nos lembra Jean-Jacques ao falar do método do imaginário, onde um dos principais objetivos é realizar um resgate integral do ser humano buscando entender seu sentido e aspirações da vida (2007, p. 28):

[...] A experiência visual e a imaginária daí derivadas podem assim considerar-se privilegiadas porque nos põem diante da coisa, enquanto imagem linguística, mesmo elevada a plenitude da metáfora ou do símbolo, nos limita a um signo, que se mantém a distância da aparição sensível. Ora, nenhuma transcrição linguística pode substituir a unicidade do êxtase visual. Além disso, este coloca o sujeito numa posição de visão panorâmica, sinótica, na qual tudo ocorre, ao menos à primeira vista, de maneira instantânea, enquanto a imagem linguística permanece submetida a linearidade do discurso, à temporalidade do signo.

Outro aspecto que não pode ser desconsiderado é a ligação filosófica e teológica do objeto com tradições a exemplo do judaísmo¹³ que historicamente é marcado pelo processo

¹³ “A expressão iconográfica das crenças, particularmente religiosas, que acompanha em todas as sociedades humanas, desde a pré-história, a transmissão e compartilhamento de relatos poéticos-míticos pode ser reprimida ou substituída pela primazia da palavra, tanto mais que as religiões monoteístas fazem o texto revelado remontar a um verbo, uma palavra primordial, emanada de um deus invisível e até irrepresentável. O judaísmo valoriza antes de tudo uma cultura da linguagem, que chega a condenar a imagem material por sua propensão a conduzir os homens a idolatria, a confusão entre imagem e o ser divino.” (Idem, 2007, p.29)

dialético de linguagem e imagem, por encontrarmos entre os monoteísmos um processo barroco entre a imagem e a palavra, se observarmos bem as chamadas religiões monoteístas viveram essas fases em seu contexto linear de tempo, e entre os elementos exaltados é justamente a Luz, como demonstraremos adiante ao abordarmos a simbologia da luz.

1.4.1 SANTUÁRIO MÃE RAINHA: DA FUNDAÇÃO AOS DIAS ATUAIS.

O Santuário Mãe Rainha Três Vezes Admiráveis de Schoenstatt tem sua origem em meados de 1998 do século XX, durante o bispado de Dom Marcelo Pinto Cavalheira, no período o território em que se encontra o referido templo pertencia a Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora no bairro do Bessa em João Pessoa, tendo como Pároco o Padre Paulo Pires Braga, que atuava também na comunidade São Luiz (João Pessoa) e no Distrito do Renascer (Cabedelo), localizado atualmente na Forania¹⁴ Praia Norte.

FIGURA 1 – FRONTISPÍCIO DO SANTUÁRIO



Fonte: (Abrantes, 2018)

A fundação do Santuário está diretamente ligada ao Movimento Mãe Rainha Três Vezes Admiráveis de Schoenstatt¹⁵ que já desenvolvia a Campanha da Mãe Peregrina nas casas de fieis da Arquidiocese da Paraíba, sem terem um espaço de referências onde pudessem

¹⁴ FORANIA – É um grupo determinado de paróquias dentro de um Vicariato. Cada Forania é confiada a um vigário forâneo (título dado pelo bispo a um grupo de padres dentro de um Vicariato). Essa união de diversas paróquias mais próximas territorialmente favorece o trabalho pastoral mediante uma ação em comum. Os padres forâneo são eleitos pelos representantes das paróquias (párcos e vigários) por 2 anos, que por sua vez, representam aquele território, ou seja, a Forania junto ao conselho presbiteral. Disponível em: <http://www.catequizar.com.br/texto/colunas/juberto/30.htm>, acessado em 26 de abril de 2018.

¹⁵ Toda a grande “Obra Internacional de Nossa Senhora de Schoenstatt” nasce na Alemanha no início da Primeira Guerra Mundial, em outubro de 1914. Seu fundador, o padre pallottino José Kentenich (1885-1968), decidiu juntar os seminaristas que ele reunira em uma Congregação Mariana, para com eles selar uma “Aliança de Amor com Maria”, antes que a iminente convocação para a guerra chegasse aos jovens. (Silva, 2003, p. 94)

desenvolver os demais aspectos pastorais e formativos desenvolvidos pelo movimento apostólico de Schoenstatt na grande Joao Pessoa, segundo Silva o movimento tem origem no Brasil por volta da década de 1950 do século passado (2003, p.25-26) :

“O Movimento ou a Campanha da Mãe Peregrina de Schoenstatt, como é chamado pelos manuais de orientação, nasceu em 1950, na cidade de Santa Maria, onde, a convite do padre e de uma irmã da congregação, um leigo chamado João Luiz Pozzobon dá início à campanha do terço que originou, no Brasil, a devoção popular da Mãe Rainha, Três Vezes Admirável de Schoenstatt.

Antes das ações pastorais preconizada pelo Concilio Vaticano II¹⁶ no ano de 1962, através da “Constituição Pastoral GAUDIUM ET SPES¹⁷, sobre a Igreja no mundo de hoje”, o Movimento de Schoenstatt já desenvolvia o protagonismo laical, o que possibilitou seu crescimento durante a segunda metade século XX, a princípio no Sul do País e depois consequentemente no resto do país . Em relação ao nordeste durante a década de 1980 foram surgindo os primeiros grupos da Mãe Peregrina e consequente a fundação dos Santuários nos estados de Pernambuco e Bahia¹⁸, Tabor da Nova Evangelização¹⁹ Inaugurado em 11/10/1992 (Morro do Mirante s/n – Ouro Preto – Olinda), Tabor da Santidade de Todos os Dias²⁰ - Garanhuns (inaugurado em 18/04/2004 Avenida Alice de Oliveira Pinto, s/nº) e Salvador – Tabor Matris Salvatoris²¹ (inaugurado em 25/03/2001 - Estrada do Curralinho, s/n – Bairro STIEP).

Os grupos da Mãe Peregrina da arquidiocese viram na fundação do Santuário Mãe Rainha em João Pessoa uma possibilidade de fundar um santuário filial de Schoenstatt na Arquidiocese da Paraíba , que tivesse progredido, o processo seria o segundo do nordeste, mas por questões burocráticas e econômicas entre os Padres de Schoenstatt e a Arquidiocese impediram essa realização, já que uma das exigências por parte do Instituto dos Padres de Schoenstatt era a doação do terreno para o instituto, proposta essa rejeitada pela arquidiocese,

¹⁶ O Concilio Ecumênico Vat. II tem seu início em 11 de outubro de 1962 sob o pontificado do Papa João XXIII e seu encerramento em 12 de janeiro de 1966 por Paulo VI. (Kloppenburger, 1967, pag. 8;31)

¹⁷ “Alegrias e Esperanças “.

¹⁸ Disponível em: <http://www.schoenstatt.org.br/home/contato-2/contato-dos-santuarios-no-brasil/>, acessado em 30 de abril de 2018.

¹⁹ Figura 2;

²⁰ Figura 3;

²¹ Figura 4;

levando a construção de um Santuário ligado a paróquia Nossa Senhora Auxiliadora no mesmo Bairro.

De 1998 á 2003 se desenvolveu a construção do Santuário Mãe Rainha Três Vezes Admiráveis de Schoenstatt sendo elevada a Paróquia em 2012 e tendo como reitor Mons. José Paulo Pires Braga e como Pároco o Padre Nilson Nunes idealizador da Missa da Luz, nosso objeto de estudo.

A partir de 2012 o Santuário Mãe Rainha mudou consideravelmente vem passando por diversas mudanças em virtude da Missa da Luz tendo sido ampliado através de duas naves laterais além da dinâmica Pastoral, já que até o ano de 2014 a área Pastoral Renascer pertencia ao território paroquial, sendo elevada a paróquia em 2014, fazendo com que apenas o Bairro do Aeroclube em João Pessoa seja o pastoral da referida igreja.

As atividades pastorais estão voltadas aos sacramentos de iniciação, Batismo, Confirmação e Eucaristia; Sacramento da Penitencia todas as terças feiras; Encontro arquidiocesano mensal das Missionarias da Mãe Peregrina (toda primeira terça-feira); Adoração ao Santíssimo Sacramento nas terças-feiras (missionarias da Mãe Rainha); Terço dos Homens (terças-feiras a noite); Adoração as sextas –feiras (Apostolado do Sagrado Coração de Jesus); Missa da Luz (quinta-feira); Missas Dominicais as 07:00hs da manhã; 10:00hs da manhã transmitida ao vivo através da internet e rede de televisão; as 05:00hs da tarde transmitida pela internet e rede de rádio.

Todo dia 18 acontece a Missa da Aliança de Amor²², base da espiritualidade do Movimento Apostólico de Schoenstatt onde durante a celebração se realiza a oferta dos pedidos depositados no capital de graça, uma espécie de cântaro que fica exposto durante todo o mês e queimado durante a celebração.

A estrutura do Santuário é composta por três naves; uma capela do Santíssimo; uma capela do Batismo; Sacristia; Secretaria e amplo estacionamento com capacidade para mais de 500 veículos. Em virtude da Celebração da Missa da Luz no momento está passando por diversas reformas como forma de acomodar os fiéis, que se dirigem ao templo, para participar dos momentos celebrativo que crescem a cada dia, chamando a atenção não só do marketing

²²“ A Aliança de Amor com Maria é a forma original que Schoenstatt possui de viver a aliança batismal. Nela se expressa e se garante a aliança com a Santíssima Trindade. A primeira Aliança de Amor em Schoenstatt foi selada pelo Fundador, Pe. José Kentenich, e os seus educandos, na Capelinha de São Miguel, em Schoenstatt, na Alemanha, em 18 de outubro de 1914. ” Disponível em: <http://www.schoenstatt.org.br/home/espiritualidade/alianca-de-amor/>, acessado em 30 de abril de 2018.

religioso mas de diversos seguimentos, a exemplo da imprensa , academia entre outros que analisam e pesquisam os fenômenos religiosos, fora e dentro da igreja , como forma de melhor compreender as transformações vividas pela Igreja Católica na arquidiocese da Paraíba.

1.4.2 O SENTIDO SIMBÓLICO DA LUZ

Em nosso primeiro tópico nos propomos a realizar uma abordagem histórica relacionada ao espaço onde se dá a celebração da Missa da Luz, a partir de agora iremos entrar no sentido simbólico da matéria de nosso objeto no âmbito da cosmologia cristã e universal do sentido do elemento “luz”, expressado pela matéria fogo, já que a celebração busca seu sentido no fogo contido nas velas acessas pelos fieis todas as quintas feiras no Santuário Mãe Rainha Três Vezes Admiráveis de Schoenstatt em João Pessoa –PB.

Iniciaremos nossa simbólico da luz a partir dos judaísmo, apropriado pelo decorrer de sua história, apesar perspectiva, no tocante ao considerações que levaremos é entenderem que na pessoa de concretiza as aspirações testamento, assunto que vem linear da história gerando discussões teológicas relacionadas iremos nos abstermos em realizar, por não considerarmos o espaço propicio para tal reflexão .



FIGURA 2 VELA DA FÉ

Fonte: <http://www.padrenilsonnunes.com.br/velas-da-fe>.

busca pelo sentido escritos sagrados do cristianismo no de não lerem na mesma sentido, entre outras a de os cristãos Jesus de Nazaré se proféticas do antigo durante o circuito diversas teses e a profecia bíblica, que

Somos conscientes que o símbolo religioso é algo complexo de lidar pôr ser a religião um cenário privilegiado para o símbolo e suas manifestações de acordo com Mardones (2013,87):

[...] E como o homem é homo symbolicus, todas as suas atividades implicam o simbolismo. Então, atividade religiosa está repleta de simbolismo. [...] Sem símbolo não existe religião, e sem religião um enorme espaço do símbolo ficaria amputado. Símbolo e religião se abraçam mutuamente. A capacidade humana de criar símbolos se manifesta poderosa, plural e ambígua no mundo da religião.

Ao observarmos a primeira parte da coleção dos textos sagrados iremos encontrar referências que apresentam o sentido da luz nos textos sapiências que formam o Pentateuco, apesar de ter sua forma final no século V a. C. os exegetas entendem que as construções da coleção dos livros de Moisés foram sendo passadas de forma oral até no tempo de Esdras (459.aC)²³ serem oficialmente aceitas pelo povo judeu pós-exílio.

Assim reza o texto do Genesis (1,1-5)²⁴: “Quando Deus iniciou a criação do céu e da terra, a terra era deserta e vazia, e havia treva na superfície do abismo; o sopro de Deus pairava na superfície das águas e Deus disse: Que se a luz seja! E a luz veio a ser. Deus viu que a luz era boa. ” A luz de acordo com texto do princípio de tudo coloca a luz como a primeira obra da criação, com símbolo que representa vida, alegria, já que a partir dela tudo se forma, texto de cunho sacerdotal normalmente utilizado nas grandes celebrações e no cristianismo é o primeiro texto da liturgia da Vigília Pascal. Durand nos chama atenção para o sentido simbólico da natureza no que ele denomina homem tradicional, os espaços, tempo e símbolo são elementos unificadores, é na unificação que está o verdadeiro sentido da existência (2008, p.52):

O homem tradicional, ao contrário, está apaziguado, para ele o esforço consiste na individuação do eu sobre o modelo simbólico da natureza uma – da Criação – que lhe é proposto, e nesta experiência ele encontra a certeza da existência do princípio Unificador. Sua ética inscreve-se em termos de expansão da vida e não em termos de vontade de poder. [...] Seu pensamento é recondução, ela não funciona por si só – como no vulgar, pensamento e palavra tradicionais são meios (“sinais”) que reconduzem ao significado e constituem este significado pela simples atitude significativa de sua expressão. A Criação, a criatura, os copos e o corpo, são modelos de unificação.

Durand em sua exposição do homem tradicional nos leva a entender que os símbolos apresentados pela tradição existem para apontar caminhos, não é algo que possa ser entendido de forma puramente racional, mas há sempre uma necessidade de se entender o que está nas entre linhas presentes nos símbolos, a luz apresentada pela tradição oral no texto sapiencial do livro do Genesis, ganha sentido quando observamos o que essa luz vem iluminar, já que através dela podemos ver a criação que se forma. O Mestre nos convida sempre a experiência como forma de entendermos o porquê até mesmo da escolha do referido texto para o cânon bíblico,

²³ Cf. Harrington, Wilfrid John. (OP). Chave para a Bíblia: a revelação; a promessa; a realização. 9ª edição. São Paulo: Paulus, 2008.

²⁴ Bíblia de Tradição Ecumênica, TEB, São Paulo: Loyola, 1994.

já que a proposta é buscar a unificação do povo como foi no princípio antes do caos simbolizados pela torre de babel e o dilúvio.

Outro fenômeno que exprimi o valor da luz é a cena da sarça ardente no livro do Êxodo (3,2-3)²⁵ “O anjo do Senhor, apareceu-lhe numa chama de fogo, do meio da sarça. Moisés viu que a sarça ardia em fogo, mas não se consumia. ” A sarça que não se consome indica o lugar sagrado, é a volta ao estado primordial, de acordo com Durand (2008). A partir desta experiência Moisés terá uma nova vida, que o reconduzirá de volta à terra prometida aos seus antepassados. A luz simboliza libertação das correntes da escravidão.

A sarça é a morada de Deus, o Deuteronômio na bênção das 12 tribos, nos fala (33,16)²⁶ “[...] com a melhor parte de tudo o que a terra contém e o favor daquele que mora na sarça²⁷: que tudo isso coroe a cabeça de José, a fronte daquele que é sagrado entre os irmãos .” Aqui o fogo que ilumina a sarça e gera a luz é “Eu Sou”, que tudo ilumina, liberta e guia com sua luz. No ambiente do culto a presença da lâmpada é uma exigência feita por Yaweh na confecção da tenda das reuniões que estará defronte ao véu que servia para abrigar o documento dado por Deus a Moisés²⁸ .

Ao contemplarmos os autores do novo testamento podemos ver uma atualização de “Eu sou” nas palavras postas na boca de Jesus de Nazaré pela comunidade Joanina em diversas partes do evangelho de João ou como definem alguns exegetas Discípulo amado, a luz é uma das formas de identificar o Jesus de Nazaré como luz do mundo,

“Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens, e a luz que brilha nas trevas, e as trevas não a compreenderam. [...] O verbo era a verdadeira luz que, vindo ao mundo, ilumina todo homem. ” (Jo 1, 4-5.9) Como se deu no antigo testamento a luz não apenas simboliza a presença do sagrado, mas é ele mesmo, “Eu sou a luz do mundo. Aquele que vem em meu nome não andará nas trevas; ele terá a luz que conduz a vida. ” (Jo 8, 12). Neste sentido a simbologia da luz no ambiente das primeiras comunidades apresentadas pelos textos sagrados os levariam ao encontro do próprio Cristo.

²⁵ Idem.

²⁶ Idem...

²⁷ Umbrella Espinho Acácia. Disponível em: www.flowersinisrael.com, acessado em 01 de maio de 2018.

²⁸ Ex 27,20a.

Observamos a valorização da luz no rito do batismo latino²⁹ (Rower, 1947,p.43):

Vela do Batismo, entrega-a o sacerdote acesa ao neófito ou a o padrinho; depois do aço do batismo. E' ela o símbolo da fé ardente recebida que o neófito é admoestado, com as palavras que acompanham a entrega, a guardar até à vinda do Senhor, isto é, até à morte. Nos Ritos orientais não há esta cerimônia; nos do Ocidente tornou-se geral somente desde-alguns séculos, sendo provavelmente um resto do uso, testemunhado por Santo Ambrósio, de os neófitos assistirem, com velas acesas na mão, à Missa solene depois do batismo.

Desde as primeiras comunidades cristãs alguns símbolos apontam para uma realidade temporal na vida do fiel, as matérias que envolvem esses símbolos sacramentais³⁰ estão presentes em seu cotidiano, em relação a luz desde muito cedo ligada ainda aos ritos judaicos como abordamos anteriormente. Além do batismo é comum se utilizar a vela acesa como forma de simbolizar a luz da fé no rito da confirmação, eucaristia e unção dos enfermos. Outro aspecto da luz que está também ligado a análise de nosso objeto é o uso da luz no momento fúnebre estabelecidas no Ritual Romano a partir de 1614³¹, mas de origem bem anterior.

Outro Rito que hoje já não se pratica mais envolvendo a luz , é o da mãe após o parto adentrar na Igreja com uma vela³² acesa como forma de simbolizar a nova vida que veio ao mundo ³³.

Outro aspecto simbólico em relação a luz é a definição do Dicionário de Símbolos (Becker,2007, p.174):

Fenômeno onipresente que nos é familiar nos seus efeitos, mas em grande parte desconhecido quanto à sua natureza. Por causa disso o símbolo predileto da imaterialidade, do espírito, de Deus, como também da vida e da felicidade. [...] A ideia da ascensão das trevas para luz tem para muitos povos papel importante em relação ao desenvolvimento tanto da humanidade como do indivíduo. Por isso também numerosos ritos de iniciação estão baseados nessa dualidade. - A separação entre luz e as trevas no princípio do mundo, como estabelecimento da primeira ordem, encontra-se no imaginário cosmogônico de muitos povos.

²⁹ Todo este conjunto de cerimônias é uma compilação abreviada dos atos litúrgicos (escrutínios) que desde o IV século se praticavam em Roma com e nos catecúmenos durante o tempo de seu catecumenato e do rito propriamente do batismo. (Rower, 1947, p.42).

³⁰ Água, Vela, óleo, pão, vinho, sal, roupas e etc.

³¹ Conf.: Rower, Frei Basílio. Dicionário Litúrgico. Petrópolis: Ed. Vozes 1947.

³² A vela ou círio, simboliza a presença de Deus. No catolicismo, o costume de acender velas durante as várias cerimônias religiosas data do século V. A chama da vela está ligada à simbologia geral do fogo e da luz.

Disponível em : <https://edoc.site/dicionario-de-simbolos-pdf-free.html> , acesso em 29 de janeiro de 2019.

³³ Idem, p.43.

Em nossa abordagem em relação ao sentido simbólico da luz possibilitamos entender o que o Mardones definiu como as raízes simbólicas do sagrado, presentes na luz da criação, na sarça ardente, no verbo apontado pela comunidade joanina possibilitando se viver a experiência de acordo com ele com os dois mundos (2006, p.53):

Há uma experiência da realidade que possui a força da reconciliação: vê surgir a harmonia acima das dissonâncias, e o sentido, mas além da caducidade e da angústia, da solidão e da morte. O sobrepoder unificador no qual se assenta a realidade é o sagrado. E o modo de acesso é o símbolo. O dinamismo que põe em movimento o símbolo é a condição humana, a cavaleiro entre os dois mundos ou realidades, cor inquietum que pergunta sem cessar e deseja possuir aquilo que lhe proporcione tranquilidade e satisfação.

Em Mardones e Durand a percepção do símbolo de forma similar, não como algo estranho ao ser humano, que o torna um ser fora da realidade, mas antropologicamente eles são ligados, o símbolo de acordo com Durand provoca um reencontro e Mardones nos fala de unificação, entre o ser humano e o sagrado, mediado através dos símbolos.

1.4.3 CELEBRAÇÃO DA LUZ: ORIGENS E SENTIDO MITOLÓGICO.

A Teoria do Imaginário busca em sua essência compreender o homem e a mulher não só por suas questões racionais, mas através dos seus sentidos e suas impressões simbólicas. Problematicar a Celebração da Luz, exige de nós buscar sua linha imaginária construída durante a história, desde a construção mítica presente nos evangelhos até sua realização no Santuário Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt.

As imagens fruto das experiências vividas e cristalizadas sejam em escritos bem como em ícones, inspiram a devoção ao rito da luz executado durante as celebrações da missa seja no Santo Sepulcro em Jerusalém ou no Santuário Mãe Rainha, provocando nas pessoas que para lá se dirigem uma experiência com o sagrado influenciando suas vidas e práticas religiosas, rompendo muitas com o aspecto canônico destas celebrações litúrgicas.

Ao abordarmos as inspirações e devoções em relação a celebração da luz, notamos nos inscritos dos evangelhos canônicos uma valorização ao espaço do sepulcro de Jesus de Nazaré, não se relata apenas a ressurreição mais o contexto e lugar onde ocorreu o fenômeno. No tocante ao relato iremos apresentar o canônico mais próximo do acontecimento e o mais distante. O primeiro a abordar foi um discípulo de Pedro³⁴ chamado João Marcos ou como assina o

³⁴ 1Pd 5,13

evangelho Marcos, esse manuscrito data de aproximadamente do ano 60 a 65 da era cristã e foi escrito de acordo com boa parte dos estudiosos para comunidade cristã em Roma (Harrington, 2008, p. 453):

Conforme uma tradição antiga, o evangelho foi escrito em Roma. Em geral, os numerosos latinismos encontrados em Marcos podem ser excluídos como termos militares e técnicos de uso corrente. Em duas ocasiões notáveis, contudo, uma expressão grega é explicada pelo seu equivalente latino: “...*duas lepta* (moedas gregas), isto é, um quadrante (moeda romana)” (12,42); o “interior do pátio, isto é, do *Pretório*” (15,16). Esses esclarecimentos levam a crer que o evangelho foi escrito em Roma. Não se põe em dúvida, geralmente que o evangelho tenha sido escrito antes de 70 d.C (data destruição de Jerusalém pelos romanos) – sendo que o capítulo 13, que alude a esse acontecimento, não dar a menor indicação de que isso já se tivesse consumado.

Contextualizar o fenômeno que da base a devoção ao Santo Sepulcro onde acontece durante a Vigília Pascal, de acordo com a tradição acendendo o fogo novo simbolizado pela luz da vela, nos mostra, a resistência do sentido do símbolo no decorrer da história cristã. Em relação ao acontecimento Marcos³⁵ nos relata (16, 3.5) “Diziam umas às outras: Quem nos rolará a pedra da entrada do sepulcro? [...]Tendo entrado no sepulcro...”

Outra tradição que nos informa em relação ao sepulcro é a Joanina, fruto escritos atribuídos a comunidade fundada pelo apóstolo João por volta da década de 90 da era cristã,

Segundo a corrente da tradição da igreja primitiva, João, o Apóstolo, filho de Zebedeu e irmão de Tiago, escreveu, em idade avançada, o quarto evangelho, em Éfeso. Mas a tradição não é inteiramente unânime. E o que é mais significativo: tem-se a impressão que o evangelho foi composto lentamente, durante um longo período de tempo, e que, em sua forma final, data dos fins do século I. (idem, 2008, p. 590)

Assim nos fala os escritos Joaninos em relação ao acontecimento que se deu no sepulcro onde Cristo foi sepultado, no momento em que seus discípulos foram visitar o lugar onde estava sepultado o corpo do divino Mestre (20, 1-4.6.8)³⁶

“No primeiro dia da semana, ao alvorecer, enquanto ainda estava meio escuro, Maria de Magdala vai ao túmulo e vê que a pedra fora retirada do túmulo. Ela corre, vai ter com Simão Pedro e o outro discípulo, aquele que Jesus amava, e lhes diz: Tiraram o Senhor do túmulo, e não sabemos onde o puseram”. Então

³⁵ Bíblia de Tradição Ecumênica, TEB, São Paulo: Loyola, 1994.

³⁶ Idem

Pedro saiu, como também o outro discípulo, e foram ao túmulo. Ambos corriam, mas o outro discípulo correu mais depressa do que Pedro e chegou primeiro ao túmulo. [...] Chega também Simão Pedro que o seguia: ele entra no túmulo e observa as faixas ali deitadas...Só então aquele outro discípulo que tinha chegado primeiro entrou, por sua vez, no túmulo, ele viu e creu”.

O fenômeno realizado pelos evangelhos ocorreu de acordo com a tradição por volta do ano 33, e foram passados de forma oral através dos seguidores do movimento do Nazoreu, que deram continuidade a sua proposta comunitária difundida e vivida por ele durante o seu ministério, a partir de sua morte diversas foram as hermenêuticas realizadas pelos seus seguidores relacionando sua vinda como confirmação das promessas messiânicas profetizadas até o século II antes da era Cristã na palestina e diásporas onde existiam judeus.

Então realizando uma linha do tempo buscando identificar os símbolos frutos da percepção da fé cristã encontramos diversos lugares que tem um significado simbólico para os primeiros cristãos, sendo citados em textos produzidos pelas comunidades cristãs nos primeiros séculos de sua existência.

De acordo com as pesquisas arqueológicas, onde hoje se encontra o Santo Sepulcro houve diversas construções, e encontramos diversos testemunhos no decorrer da história em relação ao valor símbolo do Santo Sepulcro, sempre lembrando que tudo que temos até agora é hipotético já que os avanços nas buscas pelo Jesus Histórico ele foi ser realmente aprofundado a partir do século XIX em sentidos arqueológicos apesar de termos diversas teorias a exemplo da Teoria Comparativa da Ressurreição criada por Bultman no século XVIII, as quebras de tabus existentes em relação ao objeto Jesus de Nazaré só avançou realmente no século seguinte com planificação e autonomia de algumas ciências que antes estavam ligadas diretamente a Filosofia a exemplo da : Sociologia, Antropologia , História e Arqueologia, de forma interdisciplinar o objeto foi sendo mais esclarecido por se analisar não apenas ele de forma isolada mais o contexto onde o mesmo se encontrava possibilitando assim uma melhor apreensão .

Separamos em nossa análise uma tabela que visa nos possibilitar entender um processo cronológico em relação ao Santo Sepulcro, como já exortamos anteriormente em nossa são datas hipotéticas que no decorrer do aprofundamento da pesquisa podem mudar como podemos demonstrar em nossa tabela:

CRONOLOGIA DO SANTO SEPULCRO	
33 d.C.	Crucificação de Jesus

135 d.C.	Reconstrução: O Imperador Adriano nivelou o terreno para construir o templo de Afrodite .
325 d.C.	Período Bizantino : Constantino primeiro imperador romano a convertesse ao Cristianismo, desaterra o tumulo e constrói uma igreja no local.
Sec. VII	Chegada de Monges do Monte Sofrônio ³⁷
1149 d.C.	Período das Cruzadas: A igreja é restaurada após a conquista da cidade que pôs fim a 400 anos de domínio Mouru.
Sec. XIV	Durante o século 14 formulou os seguintes direitos de propriedade: No grego possuía o Catholicos, os latinos a Coluna de Frangeloseos e local da aparição do Senhor a Maria Madalena, até a capela armênia de Adão e catecúmenos, até o Ibero Gólgota, prisão de Cristo e da igreja da Descoberta da Santa Cruz, aos nestorianos o altar fora do templo, até a traseira Syroiakovitas da capela do Santo Sepulcro, até o elevador raiva contra o site, e ao Champesious coloque a mão direita do Santo Sepulcro.
2016-2017 d.C.	Restauração da Edícula ³⁸

Fonte: https://www.graphicnews.com/pt/pages/35230/RELIGIO_Restauro_do_tmulo_de_Jesus_interactivo_

Outro testemunho importante é do período de Helena mãe de Constantino responsável, pelo processo de revitalização dos antigos espaços cristãos na terra santa, por volta do século IV (Rohrbàcher, 1959, p.33):

Os pagãos tinham-se esforçado por abolir a memória da ressurreição de Jesus Cristo. Tinham fechado a gruta do santo sepulcro, colocado por cima uma grande quantidade de terra pavimentado com pedras o alto e construído um templo de Vênus, onde ofereciam os sacrifícios a esse ídolo, a fim de que os cristãos parecessem adorá-lo, quando viessem àquele lugar, para adorar Jesus Cristo. Constantino deu ordem de se construir uma igreja magnífica e escreveu sobre isso ao bispo Macário, recomendando-lhe que aquele edifício sobrepusesse em beleza não somente as outras igrejas, mas todos os edifícios das outras cidades.

A Vigília Pascal celebrada anualmente na Edícula do Santo Sepulcro vem renovar a cada ano o sentido da fé cristã, seja os de rito latino ou ortodoxo, ambas veem no rito desta celebração o pilar de tal devoção ao mistério da luz e seus símbolos. Entre os diversos

³⁷ Disponível em: <http://www.jerusalem-patriarchate.info/main/page/>, acessado em 08 de maio de 2018.

³⁸ Do latim: pequena casa.

momentos desta celebração está a do fogo novo, acesso com o fogo que misteriosamente sai nas mãos do Patriarca Ortodoxo e ascende as diversas velas que dão início a procissão da Luz.

A referida experiência foi observada e vivida pelo Padre Nilson em sua ida para Terra Santa, o mesmo sentiu ali a inspiração que o levou a desenvolver a Missa da Luz no Distrito de Várzea Nova onde foi pároco, o que fez a celebração se torna conhecida na grande João Pessoa. Mas foi em 2012, quando foi transferido para o Santuário Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt no Bairro do Bessa, que se propagou a devoção a princípio, a nível arquidiocesano, em seguida a nível estadual e hoje através da internet e TV, está em âmbito nacional.

Por não haver apenas um processo nesta celebração buscamos no imaginário uma forma de entendermos o envolvimento causado pela celebração da luz no decorrer destes últimos seis anos, estando hoje como uma das mais importantes celebrações católicas do Nordeste do Brasil.

Através da Teoria do Imaginário rompemos o espaço midiático, símbolo capital para podermos encontrar o verdadeiro sentido que é desenvolvido durante o rito da celebração (Wunenburger, 2007, p.59):

A inteligência observadora e especulativa defronta-se seja com limites parciais, que impelem a uma investigação ampliada das coisas, seja com um limite rebelde, que obriga a buscar caminhos de substituição para obter-se um discurso verdadeiro. O imaginário pode assim mostrar-se como uma via que permite pensar em que o saber é falho. [...] A busca da verdade sobre a origem do mundo (cosmogonia), sobre a alma, sobre a morte etc.,

Buscar o sentido mitológico da Celebração da Luz, nos remete ao ambiente mítico nos tirando do espaço muitas vezes científico e racional, valorizando os estranhamentos e sensações dos fiéis que frequentam a missa todas as quintas-feiras. O imaginário quebra os paradigmas das ciências modernas buscando valorizar o processo do sentimento, descompactando o logico, a realidade da ilusão o metafísico do real “Para compreensão mítica, o dado não é primordialmente decomposto e, portanto, conceitualizado, mas, ao contrário, absorvido numa totalidade narrativa que não desassocia o realizado e o virtual, o visível e o invisível, o fenomenal e o metaempírico (idem, 2007, 59).”

Como lembra Jung as formas mitológicas do passado estão presentes no homem moderno e continuam se manifestando e reinventado em seu cotidiano, entender essas influências e manifestações, nos levará ainda mais há um mundo mágico da experiência religiosa e nos possibilita entender o porquê de seu encantamento na vida das pessoas.

1.4.4 – A FIGURA DE MARIA NA MISSA DA LUZ.

Diversos são os textos na história do judaísmo e consequentemente do cristianismo que apresentam a figura feminina como elemento especial na economia da salvação, ao lermos os textos bíblicos, é dado a figura da mulher um lugar de destaque na vida do povo judeu e consequentemente nas comunidades cristãs. Dentro deste contexto podemos destacar o canto de Libertação atribuído a Mirian ou Maria irmã de Moisés: “*E Maria entoava: «Cantem a Javé, pois sua vitória é sublime: ele atirou no mar carros e cavalos»*”. (Ex 15, 20-21). O referido texto é considerado dentro da exegese bíblica como um dos mais antigos escritos bíblicos.

Ao lermos os Cânticos de Salomão encontramos diversas referências as mulheres, comparando a beleza feminina as grandes belezas da terra:

O mais belo cântico de Salomão.

Beijos

A amada: beije-me com os beijos de sua boca! Seus amores são melhores do que o vinho, o odor de seus perfumes é suave, seu nome é como óleo escorrendo, e as donzelas se enamoram de você... Arraste-me com você, corramos! Leve-me, ó rei, aos seus aposentos, e exultemos! Alegremo-nos em você! Mais que ao vinho, celebremos seus amores! Com razão se enamoram de você... (Ct,1, 1-5)

Nos escritos do Novo Testamento podemos observar a figura de Maria de Nazaré desde os primórdios do movimento cristão, encontramos a figura feminina principalmente nos escritos de Lucas por volta dos anos 80 (E.C), o autor apresenta com extrema propriedade a imagem da mulher:

E traço característico de Lucas a atenção dispensada às mulheres no seu evangelho, pois no mundo de seu tempo a posição destas se achava degradada; e a insistência do terceiro evangelista nos surpreende ainda mais quando comparamos seu evangelho com Mateus e Marcos. Entre as mulheres introduzidas por Lucas estão: Isabel, mãe de Batista (1,39-58), Ana, a profetisa (2,36-38), a viúva de Naim (7,11-17), a pecadora arrependida (7,36-50), as mulheres da Galileia que acompanhavam Jesus no ministério público, notadamente Maria Madalena, Joana e Susana (8,2s), que estavam com ele nos derradeiros momentos (23,55s), as irmãs de Betânia, Marta e Maria (10,38-42). Lá estão também a mulher que proclamou bem-aventurada a mãe de Jesus (11,27s) e as mulheres de Jerusalém que saíram ao encontro de Jesus quando ele ia ao Calvário (23, 27-31). Achamos, além disso, duas parábolas próprias de Lucas em que figuram mulheres: a dracma perdida (15,8-10) e a do juiz iníquo (18, 1-8). Finalmente, é impossível não reconhecer que nas narrativas da infância a pessoa de Maria sobressai de modo bem singular (Harrington,2008, p.482-483)



O evangelista apresenta juntamente com Mateus a virgem que concebe a luz um filho, mas o sentido da portadora da luz se dá ainda na ligação do evangelho de Lucas com o de João que proclama Yeshua a luz do mundo, “*Jesus continuou dizendo: «Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas possuirá a luz da vida. »*” (Jo,8,12). A partir daí as reflexões relacionadas a figura de Maria estão sempre ligadas aos processos da vida pública do mestre de Nazaré, sendo ele a luz, então a partir daí se inicia diversas devoções ligadas a figura de Maria de Nazaré sobre diversos títulos que

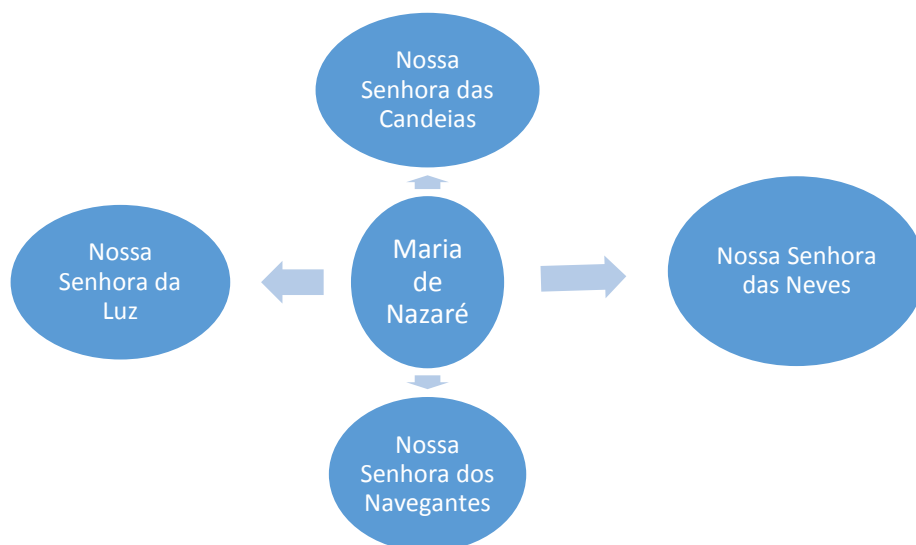
evocam na pessoa da mãe de Jesus de Nazaré, a exemplo de Nossa Senhora das Candeias (Lc 2, 29-33), devoção que surgiu por volta do sec. XV na Espanha; Nossa Senhora da Luz surgida por volta do sec. XV em Portugal³⁹.

Trazer a figura de Maria para um estudo relacionado a Missa da Luz, tem por objetivo demonstrar que a atual devoção é colocada como aquela que conduz a Luz. Para o fiel muitas vezes o mesmo se sente incapaz de estar perante a Luz que é o Cristo, mas em sua visão de fé, falar com Maria simbolizada através da imagem de Nossa ⁴⁰Senhora da Luz, é uma garantia que seu pedido chegará ao filho dela, como aconteceu nas Bodas de Caná relatada pelo Evangelista João no cap. 2 do seu evangelho “Fazei tudo que ele vos disser”.

A partir das imagens Marianas podemos ver a realização da Bacia Semântica através das devoções que se desenvolveram com as imagens de Maria de Nazaré onde percebemos diversos eventos em torno das imagens dedicadas a apresentar a mesma como aquela que conduz a experiência da luz que é Cristo.

³⁹ Disponível em: <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-nossa-senhora-da-luz/494/102/>, acessado em 15 de Abril de 2019.

⁴⁰ Disponível em : <https://coisasdesantos.blogspot.com/2018/02/02-de-fevereiro-nossa-senhora-da-luz.html>, acessado em 07 de junho de 2019



Desde século I com a citação de Maria de Nazaré no meio dos apóstolos em cinto nos Atos dos Apóstolos 1, até a devoção a Nossa Senhora da Luz no século XVI, percebemos os efeitos da admiração e devoção a Maria de Nazaré como aquela que conduz ao seu filho Jesus como bem nos lembra São Boa Ventura:

“Todo aquele que estiver marcado com o caráter de Maria, será inscrito no livro da vida. Povos, escutai! Se desejais entrar no Céu, honrai a Virgem Maria, e achareis a vida e a salvação eterna. Um suspiro para ela, ó homens perdidos, e vos conduzirá ao porto. Ó Maria, sois a salvação de quantos a invocam. Ó minha Rainha, aquele que perseverar em Vos servir, está longe de condenação. Todos os que confiam na proteção de Maria, serão salvos.” (Barros, 1976, p.104)

São Boa Ventura um dos propagadores da devoção mariana apresenta Maria como modelo de fé e seguidora de Jesus, sendo aquela que conduz o homem a salvação, por ser Cristo o símbolo dessa salvação eterna a partir do momento que ela aponta e conduz para luz que é ele próprio, na visão do teólogo medieval ela possibilita esse homem chegar a alcançar a Salvação. Como bem nos lembra o Canto de Simeão (Lc 2,29-32), *“Deixai, agora, vosso servo ir em paz, conforme prometestes, ó Senhor. Pois meus olhos viram vossa salvação, que preparastes ante a face das nações: uma Luz que brilhará para os gentios e para a glória de Israel, o vosso povo.”*⁴¹

⁴¹ <http://www.catolicoorante.com.br/hora.php?dia=Horas/completasquinta.htm&hora=completas> acessado em 12 de agosto de 2019.

CAPÍTULO 2. OS ASPECTOS DEVOCIONAL E FENOMENOLÓGICO DA MISSA DA LUZ.

Neste capítulo iremos abordar dois aspectos que se fazem presentes na missa da Luz de forma didática, por pretendermos seguir com o nosso objeto de estudos para outra dimensão. Por esse motivo desejamos antes de tudo expor o sentido de devoção e fenomenologia nas Ciências das Religiões e a importância de entender como forma de nos fazer avançar para águas mais profundas.

Iniciemos pelo conceito devoção e seu lugar no âmbito religioso. A palavra “devoção” do latim *devotio*⁴², está voltado a identificar aquele que tem a experiência mística de forma fervorosa, através de exemplos de santos e santas. Não precisamos procurar muito para encontrar pessoas com seus crucifixos, terços e outros objetos de piedade, utilizados por devoção como ocorre com os frequentadores da Missa da Luz, que tem na vela e na cruz de São Bento seus elementos de piedade e devoção.

No campo da ciência Jung nos aponta que as práticas devocionais sempre estiveram presentes na vida humana, e que os homens e mulheres através dos tempos desenvolveram devoções diversas dentro ou fora do Cristianismo:

Tudo se torna iluminado e todas as criaturas pacificadas quando o mediador, no ato de adoração, representa a luz da natureza. Orfeu é a encarnação da devoção e da piedade; simboliza a atitude religiosa que soluciona todos os conflitos quando a alma inteira se volta para o que está situado além de todos os conflitos... E ao fazer tudo isto ele é verdadeiramente Orfeu, isto é, o bom pastor, sua primeira encarnação..." (Jung, 1997 p.145)

O mito das práticas de Orfeu rompeu as barreiras do tempo sendo reproduzidas e transferidas para eventos como o de Cristo, a prática devocional se dá em desenvolver a conduta da vida a partir das orientações propostas pela figura que a mesma tem devoção. Isso acontece de forma espontânea na vida dos fiéis que seguem determinados ensinamentos e mestres, vendo nestas práticas formas de serem melhores e encontrarem a paz consigo mesmos e com os demais, inúmeras vezes essas experiências são desenvolvidas como forma de se penitenciarem por encontrarem nas mesmas um consolo na sua vida e por entenderem que conseguindo

⁴² Disponível em: <https://conceito.de/devocao>, acessado em 28 de janeiro de 2019.

cumprir, se livrarão de seus pecados e cargas pesadas impostas pela vida ou muitas vezes, na cabeça de muitos pelo próprio Deus. (Jung, 1997, p.217)

Inúmeras vezes e em todas as terras, as pessoas tentaram copiar pelo seu comportamento exterior ou ritualístico a experiência religiosa original de seus grandes mestres - Cristo, ou Buda, ou algum outro líder - e tornaram -se, assim, "petrificados". Acompanhar os passos de um grande líder espiritual não significa que se deva copiar exatamente o seu processo de individualização e sim que se tente, com a mesma sinceridade e devoção destes mestres, viver a própria vida.

Quando nos voltamos para questão da fenomenologia iremos encontrar um vasto sentido de conceitos que nos leva a entender esse processo, como fizemos e realizamos no conceito devoção, iremos seguir a mesma proposta para fenomenologia, diferente da palavra devoção que tem sua origem no latim , *fenomenologia tem sua origem no grego phainesthai, que significa "aquilo que se apresenta ou que se mostra", e logos é um sufixo que quer dizer "explicação" ou "estudo"*⁴³. Destacando o sentido e a abordagem para Ciências das Religiões, já que há um campo próprio na área denominado Fenomenologia das Religiões, partiremos do comum para o específico, por se avaliar os aspectos do fenômeno sob a ação da vida humana como bem nos fala Jung em sua abordagem das ações deste fenômeno (1964, p.19):

O primeiro deles é o fato de que, mesmo quando os nossos sentidos reagem a fenômenos reais, as sensações visuais e auditivas, tudo isto, de certo modo, é transposto da esfera da realidade para a da mente. Dentro da mente estes fenômenos tornam-se acontecimentos psíquicos cuja natureza extrema nos é desconhecida (pois a psique não pode conhecer sua própria substância)

Por ser a religião um fenômeno humano, a fenomenologia busca justamente entendê-lo a partir da sua análise levando em conta os efeitos causados na vida dos indivíduos, já que nem todo fenômeno pode ser entendido a partir de um processo racional mas deve ser abordado levando em conta todo o contexto em que se vive, desenvolvendo assim uma apreensão dos sentidos que envolvem as religiões em todos os aspectos, *O problema com este tipo de fenômenos é que são fatos que não podem ser negados, mas que também não podem ser formulados em termos intelectuais. Para formulá-los precisaríamos ser capazes de*

⁴³Disponível em: <https://www.significados.com.br/phenomenologia/> acessado em 28 de janeiro de 2019.

compreender a própria vida, pois é ela a grande criadora de emoções e idéias simbólicas. (Jung, 1967, p.87).

A partir daqui desenvolveremos uma exposição na qual iremos focar no desenvolvimento das temáticas na Missa da Luz e contemplaremos através das manifestações de fé na vida dos fiéis esses dois aspectos: devoção e fenomenologia.

2.2. OS ASPECTOS DEVOCIONAIS DA MISSA DA LUZ.

Na Missa da Luz encontramos diversos aportes que nos remetem para reflexão da esfera devocional. Durante nossa pesquisa de campo, podemos perceber que existe no âmbito da missa várias formas devocionais expressadas através de orações, cânticos e novenas, praticadas pelos fiéis que frequentam o santuário. Observamos que para cada mês se desenvolveu uma temática devocional como forma de manter os mesmos em uma sintonia devocional mês a mês.

Percebemos que como era de se esperar há momentos fortes que marcam esse processo devocional, o primeiro que não poderia ser diferente é o da adoração a eucaristia que é considerado o marco principal da celebração, juntamente com este, está o momento do acender das velas criando assim um mar de luz no âmbito da igreja, levando muitos ao êxtase, momento que nos chamou atenção pela intensidade que ocorre, a exemplo de: repouso no espírito, choros, falar em línguas. E vale a pena ressaltar que nem todos são fruto da renovação carismática, apesar de ser um fenômeno bastante atribuído a esse movimento nos dias atuais essas formas de oração e culto estão relatadas desde a igreja primitiva, normalmente vivenciada por quem desenvolveu uma experiência mística profunda seja em momentos celebrativo ou orações individuais, a exemplo dos santos chagados, São Francisco, São Padre Pio entre outros.

A devoção mariana é outro aspecto normalmente desenvolvido por ser o próprio Santuário de referência devocional a Maria sob o título de Nossa Senhora Mãe Rainha Três Vezes Admiráveis de Schoenstatt. O mês de outubro é outro momento forte, em virtude de nesse mês serem realizadas diversas formas de religiosidades em memória da festa da padroeira, tendo ponto ápice o dia 18 que normalmente se celebra a festa denominada “Aliança de Amor” fazendo referência a fundação do Movimento Apostólico de Schoenstatt pelo padre Pallottino José Kentinich na Alemanha no início da Primeira Guerra Mundial em 1914.

A imagem que segue nos mostra a celebração do dia 18 de setembro de 2018, dia em que o Movimento de Schoenstatt da Arquidiocese da Paraíba celebrou os 50 anos da morte do

fundador com a presença do Padre de Schoenstatt, já que o referido santuário não pertence aos padres de Schoenstattianos, mas a cúria diocesana, o que leva os leigos que compõe o movimento a convidar sempre para as celebrações especiais um padre de espiritualidade ligada ao movimento apostólico, sempre quando há celebrações comemorativas, onde se reúnem os missionários juntos com a comunidade.



Figura 3 Dia da Aliança de Amor

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/143135790@N07/44752505892/in/album->

Outro momento significativo no dia 18 são as ofertas ao Capital de Graças, onde os fiéis ofertam suas vidas em forma de oração, escritas em pequenos bilhetes, depositados em um cântaro de barro durante toda celebração, no final é levado para parte externa do santuário onde ocorre a queima, enquanto se recita cânticos e orações que sobem juntamente com a fumaça que vai aos céus, como incenso⁴⁴, normalmente temos invocações na Missa da Luz a devoção da Mãe Rainha Três Vezes Admirável e Nossa Senhora da Luz, como parte fixa da celebração alimentando nos fieis, a dedicação a mãe do verbo que se fez carne.

⁴⁴ Charles Leadbeater, autor teosofista, assim explica as funções mágicas e simbólicas do incenso: “O significado do incenso é, ao mesmo tempo, simbólico, honorífico e purificador. Ascende até Deus como um símbolo das orações e da devoção do fiel, mas também esparrama no interior do templo ou da habitação o doce sabor simbólico da bênção divina. É oferecido em sinal de respeito, como o foi nas religiões mais antigas; mas é também usado como uma ideia definida de purificação.” (Dicionário dos Símbolos Esotéricos.

Toda celebração é realizada uma memória em torno da fundação do movimento e seus objetivos que está em apresentar o Cristo através dos braços de Maria.



FIGURA 4 CAPITAL DE GRAÇAS
Fonte: <https://www.google.com/>

Cada pedido que ali se encontra está a vida das pessoas que para lá se encaminham, não apenas para buscar um conforto mas agradecer já que essa é um dos diferenciais do Capital de Graças, os fiéis entregam suas vidas através das mãos de Maria.

2.3 CELEBRAÇÃO DA LUZ: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA.

Ao contemplarmos a celebração da Missa da Luz tentamos entender o seu sentido simbólico expressado nas luzes das velas acesas, que marca o ponto ápice do rito da luz onde passo a passo vai iluminando o interior do Santuário, e as faces dos fiéis. Mas afinal qual o sentido que tem a luz refletidas nas candeias que se acedem no interior da Igreja?

Em relação ao fenômeno que cerca o símbolo da luz, buscamos entender a partir de abordagens realizadas por cientistas da religião e pesquisadores do âmbito da simbologia, realizando uma análise fundamentando-se na leitura cristã do símbolo (Pellegrini, 1999, p.174):

A luz, fenômeno natural, é símbolo universal do espírito e, em grau menor, da sabedoria, da intelectualidade, da força criadora, da energia cósmica e da irradiação solar. Psicologicamente, a luz é símbolo associado à aquisição de um maior grau de consciência de si mesmo e do mundo. Na simbologia cristã, a luz é o mais apropriado emblema da natureza divina do Cristo, já que as sagradas escrituras afirmam que Deus é luz ou fonte de luz, e Jesus disse: “Eu sou a luz do mundo; aquele que me segue não caminha na escuridão, mas terá a luz da vida” (João 8,12).

Percebemos que os que estavam perante a luz viam diante de si mesmo e dos irmãos a felicidade e esperança desenvolvidas através dos cantos e orações. Dentro daquele contexto a vela é o elemento promissor da luz e ela neste ambiente tem um sentido simbólico muito próprio desde os primórdios do cristianismo (Becker,1999, p. 292):

Vela, símbolo da luz, da alma individual e da relação entre espírito e matéria (a chama que consome a cera). Nas lendas a morte personificada tem poder sobre velas acesas, cada um das quais representa uma vida humana. Já os romanos usavam velas durante o culto. No cristianismo, especialmente na Igreja Católica, tem papel importante como símbolos da luz e da fé na missa, em enterros, em festas especiais e procissões.

O que nos chamou a atenção durante o rito é que as velas são utilizadas com um objetivo muito próprio que dá sentido à celebração: levar os fiéis a um clima de adoração a hóstia que está exposta em uma grande custódia banhada a ouro. O objetivo de iluminar o espaço é justamente fazer refletir o brilho que irradia da custódia, o que provoca uma espécie de transe em todos que lá se encontram, acontecendo assim uma histeria coletiva. Eliade em seus escritos nos lembra do simbolismo de Jeová que tem sua forma de expressão relacionada diretamente com a luz produzida pelo fogo durante suas epifanias relatada nos textos sagrados dos hebreus (Eliade,1949, p.86):

[...] Digamos, no entanto, que as suas hierofanias celestes e atmosféricas desde muito cedo constituíram o centro das experiências religiosas que tornaram possíveis revelações ulteriores. Jeová manifesta seu poder na tempestade; trovão é a voz e o relâmpago é o fogo de Jeová ou “as suas flechas”. [...] A Sarça ardente do episódio de Moisés, a coluna de fogo e as nuvens que guiaram os israelitas para o deserto são epifanias jeovistas.

Diante de todas essas imagens observamos que o aspecto vivido pelos expoentes dos símbolos tem objetivos próprios, nada é por acaso. Antes de tudo a religião tem por objetivo

apresentar um caminho, que deve ser baseado na revelação contida na mensagem dos textos sagrados do cristianismo. Outro aspecto é afirmar uma verdade, defendida pelas teologias e dogmas do catolicismo, mas no movimento da celebração da luz a diferença está na forma de expor, sair no meio do povo com a custódia, realizar momento de oração e adoração após a comunhão com as velas acesas, é algo totalmente novo no processo litúrgico, já que não se segue as regras litúrgicas, presenciamos que quem coordena é a experiência, contida na religiosidade cultivada pelos fiéis e coordenada pelas equipes de celebração, presidida pelo pároco Pe. Nilson Nunes.

Bruno Latour nos chama a atenção para o valor da imagem e do discurso na religião, com suas exposições o mesmo nos possibilita refletir em relação ao processo contemporâneo, na prática de religiosidade no ambiente católico, o fenômeno que ocorre através do contato do fiel com os aspectos presentes na Missa da Luz, vem confirmando e demonstrando diversos objetivos das práticas religiosas experiências vividas nas igrejas (Latour, 2004, p.355;363):

O discurso religioso, ao contrário, busca justamente frustrar a tendência ao duplo-clique, desvia-la, rompê-la, subvertê-la, torná-la impossível. A fala religiosa, como fala amorosa, quer garantir que até mesmo os mais alheados, os mais distantes observadores voltem a estar atentos, para que não percam tempo a ignorar o chamado a conversão. [...] O que a iconografia tentou realizar em incontáveis proezas artísticas é o exato oposto de dirigir o olhar para o modelo distante: ao contrário, despenderam-se esforços incríveis para o olhar habitual do espectador e atrair sua atenção para o estado, o único de que se pode afirmar que oferece salvação.

Latour nos apresenta uma forma de abordagem que utilizamos em nossas investidas na observação de fiéis que procuram a Missa da Luz. Aqueles que lá se encontram são atraídos pelo extraordinário, criticado diversas vezes pelos liturgistas católicos por saírem das normas canônicas da prática celebrativa. A ideia de expor e passar com a custódia no meio do povo é algo que resgata práticas defendidas pela Idade Média e que ele nos faz entender essas práticas afirmativas de valorização dos sinais expressados nos símbolos presentes no catolicismo. Todo seu enredo, apesar de haver uma crítica por parte da hierarquia essa forma de celebrar tem sua origem na história da própria didática cristã, que com o tempo foi criando seu espaço e como citamos anteriormente suas formas, foi fazendo parte da vida dos fiéis ao ponto de hoje contribuir para todo o processo de catequese e animação da vida de fé dos católicos, como ocorre com as pessoas que tem contato com a celebração da luz, no momento de adoração ocorrida no Santuário (2004,p.366):

A iconografia cristã, em todas as suas formas, mostrou-se obcecada por essa questão de representar renovadamente aquilo de que ela trata, e de garantir visualmente que não haja incompreensão da mensagem transmitida, que no ato de fala esteja realmente em questão um emissor ou receptor em transformação, e não uma mera transferência de mensagem incorretamente endereçada. No tema venerável e algo ingênuo da missa de São Gregório - banido após a Contrarreforma. [...] após a reforma, essa visualização um tanto sangrenta se tornará repulsiva para muitos; mas o ponto que quero ressaltar é que cada um desses quadros, não importa quão sofisticados são ou simples, canônico ou apócrifo, sempre transmitem uma grande injunção.

Em uma sociedade que o povo se vê sem esperança forte, no que está posto a prática da piedade, a busca do sagrado através das diversas formas e experiências existentes nas religiões, se torna algo frequente, há na verdade por trás da história de cada um que frequenta a busca por uma resposta. O sentido da sua religiosidade não segue na maioria das vezes os caminhos canônicos ofertados, mas os subversivos que são diversas vezes abolidos, mas resgatado pelos movimentos laicos a princípio e absolvidos por clérigos que assumem tal posição e tornam-se referência e liderança na prática destes eventos religiosos. O símbolo da Luz é algo bastante antigo, mas a mistura com a exposição e procissão da custódia no meio do povo, permitindo que o povo toque, é algo fruto das aspirações dos tempos pós-modernos.

Não é algo que só acontece na Missa da Luz, mas se observarmos em outras denominações cristãs essa quebra de paradigma vem ocorrendo gradativamente até mesmo entre os mais conservadores. A busca e utilização de dinâmicas nada ortodoxa e litúrgica vem se alastrando, basta assistirmos os programas religiosos nas TVs abertas, que é apresentada desde amuletos bentos até gestos e típicos de academias presentes nos cultos e celebrações eucarística Brasil a fora.

Fenômenos religiosos como estes estão surgindo e se espalhando não só na Paraíba, mas em outros cantos de peregrinação já citado por nós no capítulo anterior, mas não devemos ignorar os milagres, curas, graças que as pessoas relatam que alcançam em suas vidas frequentando a Missa da Luz.

Ao abordarmos tal fenômeno buscamos sempre encontrar o significado no mito que ali está na vida das pessoas, por levarmos em conta a historicidade da fenomenologia das religiões e suas aspirações desde Rudolf Otto com a obra “O Sagrado” até Mircea Eliade que nos alerta, que devemos sempre valorizar e tentar entender o sujeito, que tem toda uma vida, formada por sensações e experiências diversas que os leva buscar um sentido ou como falam os teólogos,

um porto seguro , onde desenvolvem sua fé e vão se familiarizando com esse mito que o cerca e se comunica diariamente ou de forma programada como ocorre na Missa da Luz as quintas feiras.

Por esse motivo julgamos importante o campo e observar as pessoas que lá estão buscando neste contato com o sagrado motivos muitas vezes para viver, logo não podemos tentar entender de forma apenas racional como bem nos lembra Nicola Maria Gasbarro (2013, p. 92):

O mito não é uma narrativa de aventuras imaginarias e/ou de acontecimentos que servem para delinear uma lógica, mas é antes uma séria explicação da realidade da vida e dos fundamentos substanciais do pensamento: a narração da originaria percepção do mundo por parte do sujeito e, portanto, do fundamento original e arquétipo da complexidade do real.

Cada vela acesa, musica recitada, expõe o envolvimento de cada pessoa que lá se encontra , expressando sua fé, sua angustia, alegria e dor, todos buscando a luz que simboliza o Cristo Vivo, se entregam de corpo e alma ao momento os quais são preenchidos pelo fenômeno religioso que os envolvem em seu mistério, provocando paz e esperança em suas vidas, muitas vezes sofridas e sem expectativas de melhoras, levando-os a buscar naquele lugar suporte para continuar suas lidas diárias até um dia poderem descansar .

Em resumo a luz simboliza a presença do próprio Cristo, através do arquétipo presente na vela, permitindo assim o fiel realizar uma experiência mística, possibilitando assim superar seus sofrimentos e angustias bem como demonstrar sua alegria.

2.3.1. A FENOMENOLOGIA E A TEORIA DO IMAGINÁRIO

Como teoria o imaginário tem uma proposta de análise, a da fenomenologia, motivo esse que nos fez utilizarmos da mesma em nosso trabalho. Como comentamos anteriormente, a busca da compreensão do homem de forma integral possibilitou o aprimoramento de nossas abordagens relacionada a Missa da Luz, por ela permitir reexaminar os efeitos causados pelas imagens e símbolos na vida do indivíduo, que entra em contato, vivenciando a experiência, segundo Gilbert Durand (1993, p.63),

“A fenomenologia só desemboca em contrassensos quando se aventura no universo numeno-técnico da objetivação. Pelo contrário, para explorar o universo do imaginário, da recondução simbólica, é a fenomenologia que se impõe e só ela permite reexaminar com um olhar novo as imagens fielmente amadas.

Para analisar um fenômeno como o ocorrido na Missa da Luz, precisamos da fenomenologia justamente por buscarmos entender o que acontece no imaginário das pessoas que lá frequentam, mediante seu contato com os símbolos e imagens presentes naquele ambiente celebrativo. Reexaminar e criar um novo olhar se faz necessário, para não cairmos na armadilha de tentarmos ver apenas de forma objetiva e racional. Para isso é de suma importância uma ciência faz necessário uma ciência que perceba no objeto a magia e fantasia que lhe cerca. Por esse motivo Durand nos aponta além do caminho, o método a partir de Bachelard, “Em que consiste neste domínio este famoso método? Em acentuar a virtude de origem das imagens, em captar o próprio ser da sua originalidade e em beneficiar assim do título de produtividade psíquica que é a da imaginação. (Durand, 1993, p.63).

Buscamos através do uso da Fenomenologia do Imaginário, nos apropriarmos da dinâmica que possibilita uma leitura profunda, das imagens produzidas pelo fenômeno religioso presente no rito celebrativo da Missa da Luz. Também na Igreja que a acolhe com todos os símbolos presentes em seu interior, o que nos levou a buscar na teoria essa proposta de abordagem, por encontramos a liberdade de ver o homem em seu mundo mítico, simbólico e devocional É no imaginário que encontramos, diferentemente de outras teorias, ver na fenomenologia uma ciência necessária para abordar o objeto que nós estamos pesquisando, segundo Durand,

A fenomenologia dinâmica e amplificadora de Bachelard difere totalmente da fenomenologia estática e niilista de um Sartre, por exemplo. Este último – fiel a Husserl – põe entre parêntesis o conteúdo imaginativo julgando conseguir pôr em evidência, neste vazio, o sentido imaginário. Bachelard mais próximo de Hegel, que define a fenomenologia como “ciência da experiência das consciências “, faz, pelo contrário, o pleno das imagens: o imaginário confunde-se então como o dinamismo criador, a amplificação poética de cada imagem concreta. (1993, p.63)

Diferente das demais ciências a exemplo da psicanálise, psicologia, sociologia entre outras, a fenomenologia, acompanha e nos possibilita entender o processo dinâmico da

pesquisa, no qual o objeto está inserido. Criando a possibilidade de demonstrar o valor científico dos símbolos existentes, valores esses que vem chamando cada vez mais a atenção da ciência, o que antes era tido como algo desprezível e sem valor, hoje é solicitado por diversos ramos da ciência. Demonstrar a influência do fenômeno religioso na vida dos fiéis que frequentam a Missa da Luz, é colaborar com uma área científica que não vê a religião como um empecilho, mas um apoio na vida do paciente.

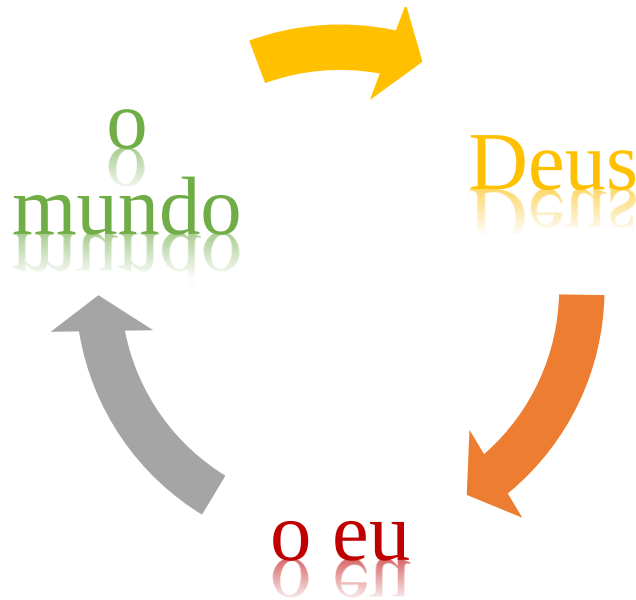
Por esse devido motivo tanto a psicologia, psicanálise, medicina psiquiátrica e oncológica, estão cada vez mais buscando entender e apoio da religião em suas ações. Por isso percebemos que com o nosso estamos auxiliando uma leitura apropriada das experiências vividas pelos fiéis no Santuário Mãe Rainha, ao participar da Missa da Luz, valorizando os símbolos e o sentido que os envolvem, esse é o motivo do uso da Teoria do Imaginário, perante o nosso objeto, como forma de não se tornar uma experiência científica alienante, como bem nos alerta Durand,

[...], portanto, o símbolo nos revela-nos um mundo e a simbólica fenomenológica explicita este mundo que – nos antípodas do mundo da ciência – é, no entanto, eticamente primordial, regente de todas as descobertas científicas do mundo. Parafraseando a famosa frase “ciência sem consciência” não é mais do que a ruína da alma, poderíamos escrever que a cosmologia simbólica de Bachelard nos dita que “ciência sem poética, inteligência, pura sem compreensão simbólica das finalidades humanas, conhecimento objetivo sem expressão do sujeito humano, felicidade sem felicidade apropriadora, não é mais que a alienação do Homem. (1993, p.67)

Ignorar o aspecto fenomenológico, é ignorar a experiência daquele e daquela que saem de sua casa para celebrar sua fé. Nos vemos perante um verdadeiro laboratório que de acordo com o olhar que for dado aos aspectos lá encontrados teremos diversas respostas não apenas no campo da Fé, mas da vida cotidiana que envolve a saúde física e mental, bem como a situação socioeconômica dos fiéis que para o santuário se dirigem, levando consigo a esperança de alcançar o que almejam, conquistar através de suas orações e cânticos sonhos acumulados pelo tempo e história de cada um. Bem dar seu testemunho que valeu a pena confiar e esperar pela graça prometida. Graça essa que diversas vezes é questionada, mas aquela e aquela que ali se encontram trazem consigo a certeza que encontraram alento e abrigo.

Com a Fenomenologia do Imaginário, passamos a entender as Hierofanias e Escatologias presentes na celebração da Missa da Luz, e o fruto gerado na vida das pessoas que

lá frequentam, através dos símbolos apresentados, desenvolvidos no decorrer dos ritos que se sucedem ao longo do momento celebrativo, partindo sempre da logica a seguir ...



Podemos concluir sobre a missa da luz que, analisada fenomenologicamente, nos aponta uma visão que exige antes de tudo uma sensibilidade do pesquisador em ver ali não se encontra uma manifestação histórica, mas uma experiência de fé, do indivíduo com o sagrado

*Quando a aflição me alcança eu tenho tua luz
Me guiando em meio à escuridão
Para o céu me conduz
(Padre Nilson Nunes)*

CAPITULO 3. SINAIS DA FÉ: CONSIDERAÇÕES ANTROPOLÓGICAS E SOCIOLOGICAS DOS FIÉIS DA MISSA DA LUZ.

O que diferencia a Ciência das Religiões da Teologia está justamente no aspecto da pesquisa e suas ferramentas, por ser uma ciência multidisciplinar, os pesquisadores podem desenvolver suas buscas científicas se utilizando da Antropologia da Religião e Sociologia da Religião, o que possibilita a compreensão de um fenômeno religioso igual a Missa da Luz, através de uma compreensão do processo racional contida no objeto.

Ao buscarmos entender nosso objeto através da Antropologia das Religiões, temos ciência da mesma com a Sociologia, por percebermos entre ambas uma parceria (Guerriero,2013, p.243):

A Antropologia se caracteriza pelo estudo do outro, do contato com a alteridade. Parceira da Sociologia, insere-se no campo das disciplinas auxiliares da Ciência da Religião no que tange à dimensão sociocultural do fenômeno religioso. Os estudos de religião e especificamente a Ciência da Religião utilizando-se dessas disciplinas como instrumentos de compreensão de um dos componentes fundamentais da religião, sua conotação social e cultural. Afinal, não há religião que não esteja inserida em uma sociedade e em um ambiente simbólico e cultural. Além do mais, não há sociedade ou cultura que não apresente algum tipo de sistema de crenças religiosas.

Ao adentrarmos no Santuário Mãe Rainha, nos deparamos com uma estrutura que nos remete a tempos distintos e formas sociais. De um lado as imagens da devoção popular a exemplo de São José e São Gabriel, mas defronte aos nossos olhos se apresenta a imagem da Mãe Rainha Três Vezes Admiráveis de Schoenstatt, propagada a princípio no Sul do país, e na década de noventa através da classe média se espalha nos condomínios e edifícios da cidade de João Pessoa. As crenças se misturam nas noites em que se celebra a missa, acontece um contato social entre ricos e pobres; moços e velhos. Através de cantos e preces o fenômeno acontece, demonstrando assim uma diversidade de comportamentos, o que chama a atenção da Antropologia das Religiões (idem,2013, p.246):

[...] O que caracteriza essa ciência seria o estudo da espécie humana em geral ou daquilo que ela carrega de especificidade, ou seja, a própria diversidade de comportamentos. Em última instância, não se poderia separar a Antropologia da Religião (ou das Religiões) de outras Antropologias, uma vez que essa ciência tem por pressuposto o estudo da cultura na sua totalidade, envolvendo aí aspectos materiais, práticas, regras, costumes, economia, política, e também crenças, mitos, ritos e, por assim dizer, religião.

Para analisar o ser humano presente na celebração da Missa da Luz, se faz necessário o método da Antropologia, construído desde os primórdios com Taylor, onde a observação do comportamento passou a ser observado através não só da ótica do observador, mas valorizando as expressões do objeto.

Há uma necessidade de não nos levarmos a medir tudo de forma secular, ou seja, com o olhar profano como se não houvesse sacralidade naquele ambiente celebrativo, mas devemos observar com um olhar crítico o fenômeno que se apresenta para nós naquele instante, valorizando assim a bipartição como nos orienta Mircea Eliade *“Recordemos que a experiência religiosa pressupõe uma bipartição no mundo sagrado e no mundo profano”*. (1969, p.159)

Para se alcançar os objetivos nos encaminhamos para o campo, o que nos levou a todas as quintas feiras de agosto de 2017 até novembro de 2018 para a celebração da Missa da Luz, das 18:00hs até as 23:00hs. O fenômeno acontece através da participação e envolvimento entre o corpo celebrativo e os fiéis presentes no santuário, vivenciando cada momento de fé existente naquela comunidade católica.

A cada celebração nós encontramos uma nova realidade em virtude da diversidade de pessoas que lá se encontram, demonstrando o universo mítico, ritual e simbólico da celebração, por esse motivo sentimos que não bastava entender o sentido da religião existente na Celebração da Missa da Luz, mas as propriedades que lhe cerca, dando ênfase aos sinais apontados no rito, através dos símbolos que representam, em virtude de desde os primórdios, os estudos Antropológicos da Religião serem tão importantes:

[...] Para a Antropologia, a simbolização reflete a maneira como os símbolos religiosos se constituem, se fixam e se transmite na história e nas sociedades humanas. Ela se diferencia de outras abordagens sobre os símbolos tanto as que possam vir da Psicanálise quanto as de uma concepção que parta do princípio de que os símbolos têm um significado fixo, inerente a eles mesmos, em todas as religiões e culturas. Por fim se destacam ainda mito e ritual. Esses dois elementos da religião constituíram campos de dimensões abissais nos estudos antropológicos.

Ao chegarmos no Santuário Mãe Rainha, local onde acontece a Missa da Luz somos absorvidos pelo momento celebrativo rico em símbolos e ritos, a cada gesto, canto, oração os fiéis se remontam para outra dimensão, em determinados momentos não importa quem está ao lado, ou na frente dele, já que sua forma de se expressa e muitas vezes cair demonstram o que

os sentidos e observações são incapazes de entender. E é o rito um elemento essencial da vida religiosa nesse momento celebrativo, é através dele que os fiéis são envolvidos gradativamente pelo fenômeno religioso.

Na referida missa ele coordena, possibilita uma experiência diferenciada a cada fiel que se dirige, aquele momento celebrativo. Já não há mais um limite entre os presentes que ali se encontram e depositam suas angustias, alegrias e dores, na efervescência da celebração o eu ali pouco importo, o importante é viver e sentir, cada momento, e se permitir desenvolver suas emoções.

A cada convocação do celebrante as pessoas se despojam em seu momento de experiência com o sagrado, que para eles é único, não pode ser perdido, nem devem se desconcentrar, para não perderem a graça daquele momento. Está atento e em harmonia se faz necessário e deste momento, na vida de cada fiel.

Compreender o Ritual da Missa da Luz em sua essência nos capacita, e nos fez adentrar no imaginário daquela assembleia, que vive em pleno século XXI uma experiência e práticas litúrgicas medievais, misturadas com o elemento contemporâneo do individualismo moderno. Por esse motivo não há como adentrar nesta realidade e buscar no campo respostas e compreensões do fenômeno presente naquela celebração todas as quintas feiras no Santuário Mãe Rainha em João Pessoa, sem se utilizar de métodos próprios desenvolvidas pela Ciências das Religiões.

Buscamos em nosso trabalho desenvolver uma análise através da pesquisa de dados encontrados nas redes sociais e também no campo, como forma de podermos entender os aspectos de fé dos fiéis que para lá se dirigem. Não podemos ignorar a importância destes diversos campos na pesquisa de um fenômeno como o que ocorre na Missa da Luz, temos de estar sempre em alerta no campo da pesquisa antropológica, e a essas transformações que ocorrem no cotidiano.

Partiremos da análise do novo espaço antropológico que é a internet, analisando as redes sociais do Padre Nilson Nunes, idealizador da Missa da Luz, do Facebook da Missa da Luz e o do próprio Santuário Mãe Rainha, fazendo assim uma leitura através das postagens e depoimentos dos fiéis que publicaram seus testemunhos nas respectivas redes sociais, criamos um demonstrativo, que visa desenvolver uma reflexão dos impactos simbólicos na vida destas pessoas, a partir do momento que tiveram contato com a Missa da Luz.

O que há de tradicional? O que há de nova apreensão no símbolo que ali se apresenta? Lidar com esses testemunhos nos abre um novo horizonte antropológico religioso, já discutido desde a década de 90 do século passado (Silva, 1999, p. 01)

[...] A Internet é simultaneamente real e virtual (representacional), informação e contexto de interação, espaço (site) e tempo, mas que altera as próprias coordenadas espaciotemporais a que estamos habituados, compactando-as, ou seja, o espaço e o tempo na rede existem na medida em que são construção social partilhada. Esta construção é estruturada pelos laços e valores sócio-políticos, estéticos e éticos que tipificam este novo espaço antropológico. Este novo espaço com áreas de privacidade - um novo mundo virtual ou mundo mediatizado - é um suporte aos processos cognitivos, sociais e afetivos, os quais efetuam a transmutação da rede de tecnologia eletrônica e telecomunicações em espaço social povoado por seres que (re) constroem as suas identidades e os seus laços sociais nesse novo contexto comunicacional. Geram uma teia de novas sociabilidades que suscitam novos valores. Estes novos valores, por sua vez, reforçam as novas sociabilidades. Esta dialética é geradora de novas práticas culturais. [...] as redes e serviços telemáticos geram novos espaços de encontro, novos espaços antropológicos, há que questionar em que medida esses novos espaços representacionais (re) criam as identidades e as práticas culturais.

Realizar uma pesquisa através dos depoimentos existentes nas redes sociais associadas a Missa da Luz é atualizar também esse novo modo de fazer antropologia, não desprezando o que se calçou até agora, mas na verdade aprimorando o processo de apreensão de conhecimentos e o impacto que a mídia causa na vida das pessoas, quando se utiliza das redes sociais para se apresentarem, de forma cultural, simbólica e espiritual, formando assim verdadeiras comunidades de fé no mundo virtual. Expondo assim sua fé e crenças de modo universal através da rede mundial de computadores.

Iniciaremos nossa exposição identificando as redes sociais ligadas ao Movimento da Missa da Luz, onde os fiéis virtualmente se apresentam expõem seus testemunhos, através de pedidos, agradecimentos, incentivos e orações, que desde a fundação do site encontramos diversas formas de expressão de Fé e Devoção, através de grandes textos, mas também de singelas orações, onde as pessoas de forma sublime demonstram sua expressão mística, mostrando em quem creem, e o que desejam para suas vidas ou para vida de seus parentes já que diversos pedidos não são para si, mas familiares ou amigos :

TABELA DAS REDES SOCIAIS E SEGUIDORES DA MISSA DA LUZ NA INTERNET⁴⁵

Rede Social	Ano de Criação da Pagina	Nome da Pagina	Número de seguidores
Facebook	23 de Fevereiro de 2012	https://www.facebook.com/Santuariomaerainhaja/	686. 792 mil em 02/11/2018
Facebook	10 de agosto de 2014	https://www.facebook.com/MISSADALUZ/	19.491 mil em 02/11/2018
Facebook	10 de Fevereiro de 2014	https://www.facebook.com/Padrenilsonnunes/	82. 976 mil em 02/11/2018
Instagram		https://www.instagram.com/padrenilsonnunes/	46,5 mil em 02/11/2018

Analisando os números somando as 04 páginas de redes sociais temos um total de 835,759 mil seguidores das páginas que divulgam a Missa da Luz, ou seja, se juntássemos todos eles teríamos uma quantidade de pessoas maior do que a população de Natal/RN que é de 785 mil habitantes⁴⁶, e a tendência é crescer já que a cada dia estão desenvolvendo o potencial de divulgação pelos meio mediáticos.

Na página do Instagram e Facebook, são comunicados os eventos, agendas de shows, bem como postagens de diversas imagens por fieis e pelos os organizadores da Missa da Luz. Através dos perfis dos fiéis e das imagens por eles postadas percebemos uma imensidão de jovens participando das celebrações, bem como também pessoas adultas, com um número menor de crianças e idosos.

Outra pagina que nos possibilita adentrar no fenômeno religioso que é a Missa da Luz, é justamente a da Associação Filhos da Luz que tem como reponsabilidade, realizar captação de fundos para realização da divulgação da celebração nos meios de comunicação: internet, rádio e tv. Em nossa pesquisa encontramos diversas áreas que tem funções especificas através de suas pastas, que estão divididas na seguinte formatação: **Padre Nilson – Santuário – Oração – Agenda – Doações – Associação Filhos da Luz**. A própria pagina nos informa da missão e dos objetivos da referida instituição, que entre vários está em recolher, doações e orações dos fiéis, que se remetem ao referido site.

Quando observamos os que servem durante a Celebração a presença, a presença de adultos e idosos é maior, com exceção da banda que em sua maior parte é formada por jovens,

⁴⁵ FONTE: FACEBOOK, TWITER E INSTAGRAM, 2018

⁴⁶ Censo do IBGE de 2010.

o que nos faz refletir a questão do engajamento da juventude nas atividades pastorais na igreja, tema este tratado pelos setores chamados da juventude que existem na Igreja Católica⁴⁷. A Pastoral do Crisma é apenas uma pastoral de iniciação, onde o jovem quando sai da formação se crisma, ele se afasta da igreja e é justamente o Setor Juventude responsável em resgatar o jovem para vida eclesial.

Entre os símbolos encontrados nas páginas destacamos as imagens marianas, da eucaristia e de santos, a exemplo de São Bento, a qual destacamos uma devoção a Cruz de São Bento⁴⁸, de tradição a princípio monástica, mas hoje a referida devoção é disseminada pelo chamado clero secular, como forma de amuleto de proteção. Uma vez ao ano principalmente no mês de aniversário do fundador da Ordem Beneditina, Bento de Núrsia, onde se recita a chamada oração da Cruz de São Bento e logo após se benze a medalha são entregues aos fiéis.

A sagrada Família é outra devoção disseminada na Missa da Luz, em virtude da frequência de diversas pessoas com problemas familiares. Ao observamos os pedidos e agradecimentos das pessoas através de testemunhos, normalmente transmitidos pelos meios de comunicação que retransmitem a celebração da missa, contemplamos diversas pessoas que se direcionam para aquele lugar de encontro com a Fé, onde relatam suas experiências e graças alcançadas.

A Sagrada Família referência devocional no âmbito católico desde os primórdios, por estar presente nos escritos canônicos do século I⁴⁹, passou a nortear as devoções de fé para as

⁴⁷ EJC, PJMP,JS...

⁴⁸ A Medalha de São Bento é um objeto sagrado examinado e aprovado pela Igreja, e que reúne a virtude triunfante da Santa Cruz, que nos salvou, à recordação de São Bento, um dos mais ilustres servidores de Deus. A honra de figurar na mesma medalha com a imagem da Santa Cruz foi concedida a São Bento, por um Breve do Papa Bento XIV (de 12.03.1742), com a finalidade de indicar a eficácia que aquele sagrado sinal teve em suas mãos. São Gregório Magno, que escreveu a vida do santo Patriarca, no-lo representa dissipando com o sinal da Cruz suas próprias tentações, e quebrando com o mesmo sinal, feito sobre uma bebida envenenada, o cálice que a continha. Além da imagem da Cruz e da figura de São Bento, a medalha traz ainda certo número de letras, cada uma das quais representa uma palavra latina. Essas letras misteriosas acham-se dispostas na face da medalha em que está representada a Santa Cruz. Disponível em : <https://www.mosteirosdaobentorio.org.br/vida-monastica/medalha-de-sao-bento#>, acesso em 07 de dezembro de 2018.

⁴⁹ “41 Os pais de Jesus iam todos os anos a Jerusalém, para a festa da Páscoa. 42. Quando o menino completou doze anos, subiram para a festa, como de costume. 43 Passados os dias da Páscoa, voltaram, mas o menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que seus pais o notassem. 44 pensando que o menino estivesse na caravana, caminharam um dia inteiro. Depois começaram a procurá-lo entre parentes e conhecidos. 45. Não o tendo encontrado, voltaram a Jerusalém à procura dele. 46 Três dias depois, encontraram o menino no Templo. Estava sentado no meio dos doutores, escutando e fazendo perguntas. 47 Todos os que ouviam o menino estavam maravilhados com a inteligência de suas respostas. 48. Ao vê-lo, seus pais ficaram emocionados. Sua mãe lhe disse: «Meu filho, por que você fez isso conosco? Olhe que seu pai e eu estávamos angustiados, à sua procura. » 49 Jesus respondeu: «Por que me procuravam? Não sabiam que eu devo estar na casa do meu Pai? » 50 Mas eles não compreenderam o que o menino acabava de lhes dizer. 51 Jesus desceu então com seus pais para Nazaré, e permaneceu obediente a eles. E sua mãe conservava no coração todas essas coisas. 52 E Jesus crescia em sabedoria, em estatura e graça,

pessoas que passam por dificuldades , em virtude de desemprego, doenças , desconforto, devido o envolvimento dos familiares em vícios e outros problemas que levam a buscar nas práticas de fé algo que anime sua vida cotidiana .

O que nos chama a atenção é que encontramos hoje manifestações de fé e devoção a Sagrada Família no âmbito da Missa da Luz, com características semelhantes ao que encontramos no século XII: “ No nível das massas, este se traduzia por "uma vontade evidentemente Inábil e imaginosa, de encontrar Cristo em sua vida mortal" e por "um esforço para reatar com o concreto das condições de existência da Sagrada Família" (Vauchez,1995, p.167).

Em nossa época o tema família passou a ser um dos objetos de estudos não só da sociologia, mas também da antropologia, psicologia, e não poderia ser diferente com a igreja, que veem desenvolvendo diversas reflexões nas várias dioceses do Brasil sob a orientação da CNBB⁵⁰ que no do ano do laicato, demonstrou a necessidade de se desenvolver em meio as famílias e na igreja, uma atenção especial a esta que é considerada a célula primeira da sociedade⁵¹. Na visão dos teólogos a família veem sofrendo ataques frequentes pelos meios chamados digitais, como forma de contribuir com a solidificação da família o mês de agosto é dedicado a reflexão em relação ao valor e preservação da mesma na Missa da Luz.

Diante desta realidade a Antropologia nos levou a observar de forma científica, essas manifestações e símbolos existentes no mundo em que residem os fiéis que frequentam aquele espaço religioso. Por esse motivo, buscamos utilizar em nossas observações um método que nos permitisse observar, sem criar um juízo de valores, preestabelecidos esse cuidado em essencial, principalmente quando se está ligado ao objeto pesquisado, no nosso caso a fé católica. Nesse sentido Durand, nos fala (1993, p.73):

Para generalizar a antropologia do imaginário, convinha-nos, portanto, paradoxalmente, aplicar uma psicanálise objetiva ao próprio imaginário a fim de o expurgar de todas as reminiscências culturais e do juízo de valor herdados, independentemente da sua vontade, pelos pensadores atrás citados através do triplo iconoclasmo do Ocidente.

diante de Deus e dos homens. Disponível: <http://www.paulus.com.br/biblia-pastoral/PWL.HTM#F9BO> , acesso em 26 de janeiro de 2019.

⁵⁰ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

⁵¹ A FAMÍLIA, que é o âmbito não só da geração, mas também do acolhimento da vida que chega como um presente de Deus. É a beleza de ser amado primeiro: os filhos são amados antes de chegar. Na celebração sacramento do matrimônio os cristãos leigos exercem seu sacerdócio batismal. Eles são os ministros da celebração. Exercem seu sacerdócio, não só na celebração, mas igualmente na consumação do sacramento, na geração e educação dos filhos. Santificam-se no cotidiano da família, Igreja doméstica. (Doc. 105 da CNBB. 14).

A antropologia proposta pelo imaginário tem como princípio, entender o homem em sua essência, valorizando seus aspectos imaginários, formados através de seu contato com os símbolos. Diferente de outras formas de abordagens que se utilizam dos reducionismos, não valorizando as imagens presentes nos indivíduos, Durand nos alerta de forma enfática para evitarmos tais métodos,

Em primeiro lugar, era preciso repudiar os métodos puramente redutores e que só visam a epiderme semiológica do símbolo, e depois fazer o cerco as reminiscências do privilégio racionalista que transparece mesmo na simbólica de Cassirer, quando esta sobrestima ainda a ciência em relação ao mito. Era também necessário descobrir, para lá da meditação bachelardiana, precisamente o ponto privilegiado em que os fulcros da ciência e os fulcros da poesia se compreendem complementarmente no seu dinamismo contraditório, se fundem numa mesma função de Esperança. (1993, p.73)

Ao frequentar o Santuário, o fiel demonstra sua esperança, a qual só pode ser percebida a partir de um método que valorize os símbolos que alimentam a sua convicção. Quais as imagens utilizadas ou experiências vividas por eles em sua vida cotidiana?! De acordo com Durand, a Antropologia do Imaginário possibilita uma melhor observação do indivíduo e de suas aspirações religiosas.

Outro aspecto por nós observado, foi a questão relacionada ao Turismo Religioso. Percebemos que apesar da multidão que acorre para o Santuário Mãe Rainha, não detectamos o fenômeno do Turismo Religioso, mas um aspecto devocional que ocorre todas as quintas-feiras, para termos uma melhor compreensão no tocante a frequência de fiéis, percebemos que os números de pessoas diferem: nos domingos os frequentadores do Santuário são formados por grupos de pessoas das comunidades da grande João Pessoa, não há romarias ou grupos constantes visitando o Santuário. O ato vem crescendo influenciado por toda uma tradição que vem se formando no Brasil desde a década de 70 (SILVEIRA, 2007)

O pluralismo religioso se intensificou na sociedade brasileira a partir de 1980 e 1990, décadas em que a modernização industrial e a urbanização se aceleraram em torno das capitais e das cidades de médio porte. Professado por 91 % da população em 1970, o Catolicismo caiu para 73% em 2004, e, em algumas cidades, como o Rio de Janeiro, chegou a 57%. O Protestantismo, no geral, é professado por 17% da população brasileira. Também são décadas de construção de um "mercado turístico nacional". Em 1996, o Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR). Investiu pesado em programas de incentivo ao turismo, ao emprestar dinheiro para a construção de extensas redes de hotelaria. É nesse contexto que a "pós-modernidade" vai referir-se à construção de experiências que implodem as fronteiras cartesianamente

estabelecidas entre religião, turismo e cultura popular, instalando um fluxo de identificações em que emerge, na absorção da categoria mercadológica, parte dos agentes religiosos, sobretudo a partir dos meios de comunicação. Talvez seja isso o que a categoria "turismo religioso" expresse: a plurivocalidade na concretude do fazer político hegemônico da religião em sociedades periféricas como a brasileira. É nesse contexto que essa categoria emerge; inicia-se, assim, uma espécie de "transversalização", ou seja, perpassa-se, viaja-se desde as esferas dos agentes econômicos do turismo (agências de viagem, especialistas em turismo etc.) à nomenclatura de determinados agentes eclesiais (Assunção, 2002).

Nas quintas feiras há um fluxo de pessoas da própria Arquidiocese da Paraíba, bem como dioceses vizinhas, ao afirmarmos que não há ainda uma atividade de Turismo Religioso, levamos em conta um não aparelhamento para recebimento dos fiéis: lojas de devoção, com exceção a da própria igreja, e aos poucos surgem as famosas Food Truck... De acordo com o Pároco Padre Nilson Nunes, a proposta é implementar as estruturas do Santuário Mãe Rainha, para no futuro poder acolher os fiéis, a exemplo de espaço de hospedagem e refeições para atender os mesmos que frequentam aquele espaço religioso. Atualmente se colocou no calendário de eventos do estado da Paraíba A Missa da Luz que ocorre no Santuário Mãe Rainha o que provoca uma mudança de paradigma e pode propiciar um desenvolvimento estratégico, já pensado no passado quando se fundou o santuário.

No tocante ao aspecto sociológico, a necessidade da utilização da Teoria do Imaginário se deu pelo motivo a qual a teoria observa de forma sensível as manifestações presentes nos símbolos. O caminho trilhado por ela, é justamente esse de acordo com Durand esse aspecto faz a diferença entre a análise de Gilbert Durand e Zygmunt Bauman o qual está justamente em encontrar no símbolo o verdadeiro objeto. Não é o indivíduo pela sua razão que é analisado, mas as suas imaginações, que são necessárias para podermos entender melhor em seu processo, suas análises do contexto social, do qual faz parte o indivíduo. Por isso não basta ver as origens dos fiéis em relação a questão territorial, mas o espaço imagético que o cerca, quais suas aspirações bem como somos orientados pelos escritos do Mestre do Imaginário,

[...] porque, a crer na definição do símbolo dada por René Thomé, conjunção de uma identidade localizável (o significante) que pode estar em qualquer ponto do tempo e do espaço, e de uma identidade não separável (Bernard d'Espanta), por isso mesmo não localizável (o significado), semantismo puro, pura utopia, em parte nenhuma, nos apercebemos de que a definição do próprio objeto da sociologia corresponde ponto por ponto à do símbolo. Será o objeto da sociologia esse modelo simbólico? Não será o social coo extensível a todo o consenso antropológico – como o sociologismo bem viu – o significante de um ponto de fuga perspectivo, não localizável fora da

perenidade do imaginário, e que constituía o seu centro não separável, radicalmente utópico? (Durand,1996, 120-121)

Durand como método para uma melhor apreensão do objeto, com o olhar sociológico do imaginário, nos apresenta a teoria de Dumerzil que nos auxiliou no processo de observação da pesquisa desenvolvida por nós na celebração (Durand,1996, 126):

Desta forma, Dumezil esboçava os três postulados de uma temática: toda a intenção histórica de uma dada sociedade se converte em mito; toda a sociedade repousa sobre um alicerce mítico diversificado; e todo mito é, ele próprio, um recital de mitemas dilematicos. Se juntarmos à obra de George Dumenzil a obra menos monumental, menos intensiva, mas, no entanto, mais extensiva, do meu amigo Mircea Eliade, obtemos um ponto de partida firme para tentar elaborar a tão cobiçada temática da sociologia.

A Teoria do Imaginário ao olhar para sociologia, dar o sentido pelas abordagens simbólicas, cada fiel que adentra o santuário e participa da Missa da Luz tem todo um encanto presente em seu imaginário que é desenvolvida no dia a dia de sua vida. Neste momento se uniu o aspecto material e imaterial para entendermos quais as suas perspectivas de fé e experiência pessoal com a nosso objeto de pesquisa. Cada ida ao ambiente religioso onde o fiel entra em contato com o sagrado, é avaliada e observada com o olhar sociológico do imaginário, onde o aspecto simbólico se revelou a cada observação, entendendo assim a relação semântica que há entre a Missa da Luz e os aspectos da Fé do passado, presente na vida dos frequentadores da celebração (Vilhena,2005, p.57):

A vida religiosa e o imaginário são inseparáveis, de tal forma que um não acontece sem o outro. Quando interpretamos o presente, revemos o passado e antevemos o futuro trazendo mentalmente para perto o que está distante no tempo e no espaço, criando aquilo que ainda não existe ou já se foi, usamos nossa capacidade de pensar articulada com a nossa imaginação. Denominamos esses procedimentos como construtivos do imaginário, ou seja, do complexo conjunto de imagens que construímos mentalmente. Tais imagens são sempre aproximativas, mas esgotam a realidade.

Durand com a Teoria do Imaginário possibilitou enxergarmos que o homem não está desencantado como foi apresentado no início do século XX essa busca ainda na Fé respostas para perguntas mais intimas na experiência religiosa, apesar de Bauman nos apontar que muitos sentidos da vida humana antes sentida de forma misteriosa, hoje muitas já podem ser explicadas pela ciência, o que faz cada dia mais o homem tentar se organizar melhor e refletir sobre a vida

com uma outra forma e visão, a morte já não assombra como antes , a partir do momento que se aprofundou a compreensão das causas das doenças , podemos notar que as pessoas hoje já se preparam e encaram melhor essa fase da vida . Com surgimento de equipamentos que nos revelam causas e efeitos de doenças podemos notar que as pessoas estão em busca de uma melhor qualidade de vida cuidando do corpo, e de contrapartida da alma, o que as faz buscar sentido de sua existência também através das práticas religiosas.

Então percebemos a força e a presença do Mito na vida das pessoas que frequentam o santuário norteiam suas vidas e expressões, um grande número de demonstrações está presente não só nas mãos das pessoas, mas também em seus veículos que para se dirigem, imagens a exemplo da Medalha de São Bento, devoção essa divulgada constantemente pelos organizadores da Missa da Luz. Outra imagem constantemente utilizada é a de Nossa Senhora da Luz apresentada por nós no segundo capítulo.

Com esse cenário a teoria do imaginário nos leva sempre além no processo de compreensão dessas realidades sociais presente naquele ambiente religioso expressado pelos seus gestos e crenças no sagrado e fenômeno que ali se encontram, com isso podemos ver a questão sociocultural sendo influenciada pelo aspecto da modernidade e sua influência nos contextos religiosos existentes em nosso meio.

Outro aspecto observado por nós no tocante ao aspecto social religioso foi a busca dos destaques a valorização da família tradicional, apesar de como falamos anteriormente presenciarmos um grande número de pessoas que ocorrem para o Santuário fruto de casamento de segunda união, avós com seus neto e etc. Em virtude desses aspectos a sociologia das religiões vem cada vez mais interessada nesses novos aspectos religiosos, onde o indivíduo busca cada vez mais nutrir sua fé de forma secular, onde as instituições tradicionais são uma ponte importantes mas não mais tão influenciadora, a prova disso é o crescimento das chamadas paroquiais virtuais a exemplo do Santuário no qual maior parte dos fiéis que lá frequentam são de outras paróquias (Mariano,2013,p.237) :

Tal virada subjetiva fez com que a religião institucional e suas autoridades perdessem influencia e capacidade de regular o religioso na sociedade e nas condutas individuais, julgamento das crenças, praticas, convicções e moralidades religiosas passaram a ser escolhidos e efetuados cada vez mais autonomamente pelos indivíduos à revelia do clero e a partir e em função de suas experiências pessoais e emocionais, ou do arbítrio de sua subjetividade.

Essa religião institucional presente no santuário dar lugar cada vez mais as experiências propostas da pós-modernidade, que se mistura com as aspirações da religião secular, esse homem e mulher que buscam a integridade tão proposta pela teoria do imaginário, se faz presente de forma autônoma na vida daquelas pessoas, que depositam sua vida naquele lugar e mergulham na bacia semântica da fé, propulsionada pela esperança que os move até lá (Vilhena, 2005, p.78):

Ora todo espaço religioso deve ser considerado a partir da articulação de três ordens. Uma delas é dada diretamente pelo meio ambiente e seus objetos naturais, como montanhas, vales, rios, vegetação, desertos, charcos, pedras etc. Outra se refere aos objetos sociais que compreendem as transformações, intervenções, construções feitas com base na natureza e em técnicas e elementos disponíveis na cultura. A terceira dimensão é dada pela faculdade imaginativa dos seres humanos, fundada em construções mentais impregnadas pela subjetividade e pela objetividade humana, com raízes culturais, históricas, políticas e religiosas. [...] O rito religioso requer e realiza, durante sua ação, a unificação das três dimensões apresentadas num único espaço simbólico, de tal sorte que entre o espaço apresentado e o espaço representado não se verifiquem rupturas.

Não é possível analisar a sociedade e suas reflexões de fé se utilizando apenas com as ferramentas tradicionais, mas inovarmos cada dia mais e pesquisar se utilizando teorias que consigam demonstrar o ser humano de forma integral, resgatando a tradição que com o tempo foi sendo desprezada e ignorada por diversas questões e imposições por parte das instituições religiosas ou grupos políticos sociais no decorrer da história da humanidade como nos lembra Mircea Eliade, tem o símbolo como linguagem que aguça o envolvimento do fiel com seu Deus e o valor do tempo sagrado que o cerca (ELIADE, 1993, 315):

Todas as religiões conhecem dias fastos e dias nefastos, momentos ótimos no decurso de um mesmo dia fasto, períodos de tempo “concentrado” e de tempo “diluído”, de tempo “forte” e de tempo “fraco”...uma característica chama desde já a nossa atenção, a saber, que o tempo aparece como não homogêneo antes mesmo de todas as valorizações que ela possa receber no quadro de um determinado sistema ritual: alguns períodos são fastos, outros nefastos.

“

Em uma época que o tempo se utiliza do homem, parar contemplar o sagrado quebra o paradigma da sociedade atual e percebemos que a experiência religiosa tem esse poder sobre a vida humana. Reservar um tempo para rezar, confessar, louvar, escutar as mensagens dos líderes religiosos tem um poder de influência nas práticas cotidianas levando os homens e mulheres refletir sobre a vida desenvolvendo uma prática que pode ajudar na qualidade de vida naqueles tocados pelo sagrado.

Por esse motivo a razão se embeleza pela tradição religiosa que cada um traz em sua origem, particularidade , cultivado de forma oral e hoje expressado não só oralmente hoje , mas impressa , e a novidade do século XX que ultrapassou para o século XXI, a mesma é repassada também pelas mídias sociais , que vem se desenvolvendo , nas ondas do rádio, tvs e internet que possam ser acessadas pelos celulares em qualquer lugar onde o indivíduo se encontra, seja em casa, trens , ônibus a pé , é possível rezar , orar e cantar os efeitos do sagrado em seu cotidiano , bem como enviar sus preces para o santuário que são lidas durante a missa da luz e ficam salvas na caixa de orações, de onde tiramos as informações para a compreensão dos anseios dos fiéis de nossa pesquisa. Uma área que está crescendo mais e mais seja no meio urbano, seja no meio rural.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Para finalizar nada melhor que observarmos, os avanços que ocorreram na pesquisa sobre religiões, possibilitados pelas Ciências das Religiões, que nos fez avançar no entendimento do fenômeno religioso presente na Missa da Luz. Partindo da observação científica através das ciências humanas, percebemos o desenvolvimento das pessoas ligadas ao aspecto da fé, a vida de cada um se apresenta de forma específica, com suas angustias e alegrias, que correm para aquele santuário no intuito de celebrar como irmãos uma experiência na vida.

Os símbolos que estão presentes no Santuário, expressam a visão dos agentes religiosos sobre a religião, o que envolve a vida de fé da comunidade que ali frequenta com os símbolos existentes, apresentando diversos aspectos mitológicos cultivados na história da Igreja e exaltados através dos tempos, a exemplo da imagem de Maria, devoção a Cruz de São Bento e a Eucaristia.

Exaltação ao símbolo da luz é o momento forte da celebração, há momentos de contemplação e entrega por parte dos fiéis a esse momento místico, que ocorre no santuário a cada quinta-feira, pessoas que louvam através de cânticos e orações pessoais, onde pedem pelos seus e por si. Interligando a luz com o próprio Cristo que se apresentou como a verdadeira luz e caminho, levando a realização dos objetivos e sonhos, a luz representa Cristo Ressuscitado, esperança daqueles que se veem nas trevas existentes no caminho de cada um deles.

Outro momento que muito nos tocou, foi a custódia que ao passar no meio do povo, atrai os olhares de cada fiel que ali se encontram. Através do brilho refletido pela custódia com a luz que irradia das velas, os fiéis são envolvidos por esta luz e tocados em seu interior por essa graça. O Principal símbolo do catolicismo desde os primórdios, sendo no século XI mais exaltado surgindo assim a festa do Corpus Crísth. Na Missa da Luz se encontra através da adoração realizada, Bacia Semântica, as quais essas manifestações de Fé a Eucaristia presente na custódia, tocando as s pessoas que ali se encontram buscando na comunhão forças para prosseguirem em suas vidas e alívio, agradecendo pelas graças alcançadas em cada missa que participam.

Analisar algo tão profundo foi algo que nos desafiou como já comentamos anteriormente, mas também nos fez refletir que a pesar de toda tecnologia existente as pessoas buscam algo mais para preencher seus vazios, responder suas questões interiores de fé ou crises. O ambiente consegue unir gerações tão distintas, seja socialmente, economicamente, intelectualmente, parece que essas barreiras são como que quebradas, se lá fora vão se saudar,

não sabemos, mas de uma coisa nos temos certeza, o, momento vivido naquele templo religioso, é algo que muito tem a ensinar a nossa sociedade, que cada dia mais se insola em caixinhas.

A devoção a Maria foi observada por nós, como um elemento fundante muito ligado a Missa da Luz, diferente da devoção desenvolvida na Terra Santa como citamos anteriormente, lá presenciamos o aspecto cristocentrico, na Missa da Luz, a devoção a Nossa Senhora da Luz, traz em nossa visão um aspecto diferencial, e com isso nos levou a entender o porquê a presença de tantas mães com fotos de filhos e filhas rezando perante a imagem. Antes e depois da celebração, a devoção mariana é de uma particularidade na qual faz diferença no cotidiano de cada um que vem aquele santuário buscar alívio, encontram naquela imagem uma referência de doação e fé. Desde que assumiu o pontificado o Papa Francisco vem pedindo que os católicos sigam o exemplo de Maria, como aquela que serviu e seguiu Jesus, mas percebemos que em nosso meio a forma de devoção, não perpassa tanto pela prática, mas pela busca de solução de problemas, o que nos faz recordar das práticas devocionais surgidas no século XIII, onde a exaltação da pureza foi posta a cima do serviço ao próximo, da formação de comunidades, o individualismo está também no aspecto de fé. Por isso que muito se cultua devoções com aspectos mais soteriológica, não tanto cristológica, contrariando assim o aspecto de visão do concílio II e cartas apostólicas desenvolvidas para refletir a missão de Maria dentro da economia da Salvação.

A Fé nas práticas de piedade são nitidamente percebidas, nas orações decorativas contidas nos santinhos distribuídos. Na oração devocional do terço, no silêncio ajoelhados nos bancos. Na contemplação das imagens, ou, mesmo perante elas de olhos fechados, o povo exprime seus anseios, naquele espaço sagrado, que o faz transportar para algo além de si, na linguagem simples, um pedacinho do céu. Com a ascensão midiática, podemos perceber cada vez mais a divulgação dessas práticas de piedade que são divulgadas diariamente em rádios, tvs, internet e também material impresso, sempre com o objetivo de inspirar as pessoas que as recebem contemplar e rezar melhor, interiorizando assim suas inspirações de fé que ao adentrar em suas igrejas, absolve cada fiel que lá se encontram. Sentimos nestes gestos simples, o resgate do homem integral tão bem desenvolvido por Gilberto Durand na Teoria do Imaginário. O homem e a mulher que não só contemplam o mito representado por aquele símbolo, mas conversa, escuta e expõe sua vida diante dele, sempre esperando ser escutado e acolhido seus pedidos.

Outro aspecto que notamos durante a pesquisa e visita foi que diferente da proposta da igreja no tocante ao silêncio o referido santuário antes da celebração é lgo um tanto barulhento,

onde diversas pessoas não se concentram, mas ficam inquietas indo e vindo, seja nas barracas que há ao redor do Santuário, na lojinha de objetos de piedade, banheiros e etc. Aspecto esse que nos leva a uma compreensão do processo de mudança que vem ocorrendo em movimentos e espaços religiosos no século XXI. A estrutura baseada no imediatismo e barulho é algo que atinge os templos religiosos, o que antes era um espaço de silêncio e reflexão vem se tornando mais um espaço de conversação e lazer, o qual como podemos perceber tudo é registrado, através dos celulares, já que o referido equipamento substitui hoje as antigas máquinas fotográficas digitais, ou seja o espaço sagrado cada dia se torna o espaço também da exibição por parte de alguns fieis que tudo registram antes e durante a celebração, enviando as imagens em tempo real via redes sociais .

Perceber o Fenômeno ali existente exigiu também de nós bastante discernimento na escolha e de como deveríamos abordar, tudo que ali presenciamos em nossas visitas de campo as quintas-feiras durante aproximadamente dois anos seguidos. Falamos isso porque, como é um objeto ligado ao processo contemporâneo sem nenhuma abordagem científica recaiu sobre nós uma ampla responsabilidade em desenvolver o projeto e conseqüentemente a pesquisa e a construção de nosso trabalho. Não bastaria só relatar. Desenvolver uma metodologia que contemplasse a teoria e a prática no universo que é a Teoria do Imaginário, foi algo que muito nos provocou e podemos dizer, absolveu diversas noites de sono. Isso aconteceu principalmente em virtude de que o objeto tem sua base em práticas e devoções já existentes, o que nos fez pensar e buscar o que havia de diferente no mesmo que merecesse uma observação e leitura científica. E como não poderia ser diferente o envolvimento das pessoas no momento da contemplação da custódia através da iluminação que irradiava das velas era a diferença e a manifestação do fenômeno sagrada naquela celebração católica, já que o rito com exceção dos cânticos e gestos utilizados, remontava há uma celebração semanal tão comum, nas igrejas dessa arquidiocese.

Além do aspecto fenomenológico, a expressão antropológica muito nos encantou, já que ali em nossa frente estavam pessoas de diferentes lugares e culturas⁵², o rural e o urbano ali se encontram e juntos expressam sua fé, sendo hoje um dos grandes gargalos da Igreja a compreensão e forma pastoral a ser adotada como melhor forma de desenvolver relações com a chamada urbanidade, ali nós encontramos pessoas que escutaram o chamado e responderam expressando sua fé de forma livre e devota. Sentimos em não podermos aprofundar esse aspecto

⁵² Ao expressarmos a palavra cultura, nos propomos a refletir em relação a questão rural e urbana.

pastoral, vivido por aquelas pessoas, sabendo a origem de suas paróquias, etnia, nível de ligação com a religião e etc., mas infelizmente o tempo não nos permitiu e tivemos de nos contentar com as estatísticas em números e observações do ambiente, o que não nos obriga a parar por aqui, mas na verdade deve nos levar a continuar a acompanhar a Missa da Luz, e ir avaliando a luz da ciência seus aspectos simbólicos e teológicos.

Apesar de ser um momento para adultos notamos a presença de diversas crianças que são levadas pelos seus pais, que aproveitam para realizar uma pequena catequese com as mesmas através das capelas existentes no santuário. Muitos levam as mesmas a participar ativamente com palmas, cantando e alguns pais aproveitam para ensinarem seus filhos a rezarem naquele ambiente sacro. Para alcançarem a atenção dos mesmos, se utilizam de diversas dinâmicas e estratégias, que vão desde apontar para outro adulto que vai chamar a atenção dos mesmos, até buscarem apresentar as imagens pitadas nas referidas capelas pintadas anteriormente. Constatamos nessa observação que, a maior parte de pessoas que estão com crianças de colo são do sexo feminino, tendo um número reduzido de casais heteros, e não constatamos a presença de famílias compostas por pessoas do mesmo sexo, o que aponta uma necessidade de reflexão pastoral por parte da Igreja Católica no acolhimento, dessas novas modalidades de famílias já reconhecida pelo estado, mas ignorado pela igreja.

Algo que também nos chamou atenção foi não haver um momento para confissões, perguntado ao sacristão o mesmo nos informou que há apenas nas terças feiras, diferente do que acontece em Santuários como o de Nossa Senhora da Penha, também na capital paraibana, o qual existe um ou dois padres atendendo confissões antes da celebração eucarística. Isso demonstra uma falha existente no tocante ao acompanhamento e acolhimento das pessoas não só no Santuário Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt, mas na Igreja Católica em si, que em virtude do número reduzido de padres, não consegue dar a atenção devida aos seus fiéis no momento que muitas vezes os mesmos procuram. Ou seja uma das carências da chamada pastoral urbana, que com o crescimento da população o número de vocações não se desenvolveu na mesma proporção mas houve uma retração no crescimento vocacional católico, o que tem levado a Igreja Católica a repensar seu aspecto de acolhimento de nossos membros, abrindo margens para uma possível aceitação de homens casados ao ministério presbiteral católico como forma de suprir as necessidades de acompanhamento dos fiéis em suas necessidades essenciais. O que se torna cada vez mais necessário em virtude do grande índice de crises relacionada as chamadas doenças da alma, como depressão, pânico e outras tantas patologias que como princípio necessitam de pessoas que as acolham, e uma grande

maioria ver na religião seu melhor espaço de refúgio, o que exige dessas religiões um maior número de líderes espirituais.

Não há no Santuário uma dimensão social, apesar do mesmo está em um bairro nobre , cercado por edifícios de médio e grande porte , com uma arrecadação que ultrapassa cem mil reais mês ⁵³, ´podemos ver uma ampliação do templo , que até 2017 continha apenas uma nave , hoje conta com três e uma bateria de banheiros , bem como uma nova sacristia e capela do Santíssimo Sacramento ambas desenvolvidas na gestão do atual reitor Pe. Nilson Nunes. Mas quando parte para caridade, notamos uma ausência de um projeto que vise a promoção humana em seu aspecto não só existência, mas social.

Por não ter um território paroquial, mas arquidiocesano, pensamos que isso possa vima inviabilizar um projeto social por parte do mesmo, apesar de existirem a aproximadamente 1km, comunidades formadas por pessoas de poder aquisitivo baixo a exemplo da Comunidade São Luiz Gonzaga e o Gama, ambas junto a margem do rio Jaguaribe no Bessa. Conseguindo o Santuário onde se encontra a Missa da Luz desenvolver esse aspecto pastoral da Igreja Católica se colocaria no nível de Santuarios Nacionais a exemplo de Aparecida-SP e o do Pai Eterno – GO.

Concluimos essa dissertação convictos que o caminho é longo, o objeto tem muito a ser observado principalmente em virtude da dinâmica que o cerca, histórias de vida que a cada semana se dirigem aquele santuário, buscando uma solução para suas angustias, que necessitaria de uma abordagem profunda de campo, para podermos ir além do espaço celebrativo e irmos ao encontro da origem destas pessoas que para lá se dirigem. Esperamos poder ter contribuído com nossas abordagens, uma reflexão em relação a religiosidade popular presente na Missa da Luz e o aspecto oficial que nós encontramos na referida celebração. Que o futuro nos permita aprofundar a nossa pesquisa, para assim avançarmos na Ciências das Religiões, que de forma multidisciplinar nos fez crescer na compreensão do sagrado existente na vida do povo.

Ficou claro para nós que espaços como a Missa da Luz são laboratórios a serem explorados cada vez mais por nos que compomos a academia, sempre tentando perceber o fenômeno se utilizam as ferramentas necessárias para obtermos os melhores resultados na busca da compreensão de seus efeitos na vida do povo, que constroem suas histórias e inspirações através da vivencia de sua fé.

⁵³ Informações pela Secretaria da Paroquia Santuário Mãe Rainha Três Vezes Admirável de Schoenstatt.

Analisar as redes sociais nos possibilitou entender os anseios expressados através das orações virtuais demonstrando a mudança de estruturas e dinâmicas que cercam a fé do povo que ali se encontram, com isso surgem novos símbolos, com aspectos cibernéticos, que norteiam cada vez mais as aspirações simbólicas existentes entre os fiéis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Capistrano de. Capítulos de História Colonial. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. [ou: Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2002. Disponibilidade virtual:http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2074.

ALDAZÁBAL, J. Instrução Geral Sobre o Missal Romano. São Paulo: Paulinas, 2007.

BARROS, Raimundo Caramuru de. Coração de Mãe cheio de bondade, Servus Mariae, Edições Paulinas, 5ª Edição, 1976. págs. 104

BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. São Paulo: Editora ZHARAR, 1999.

Bíblia Ecumênica: TEB. 3ª. ed. São Paulo: Loyola, 1994. 2480 p.

CHAGAS, Cipriano, OSD. A descoberta do espírito e suas implicações para uma transformação eclesial: um estudo sobre a Renovação Carismática. 1976. 120 p. dissertação (mestrado em teologia) - Teologia, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1976.

DURAND, Gilbert. Ciência do Homem e Tradição: O Novo Espírito Antropológico. 1ª. ed. São Paulo: TROM, 2008. 273 p.

_____A imaginação Simbólica. Lisboa: Edições 70, 1964. 1ª. ed. 109p.

ELIADE, Mircea. Origens: história e sentido na religião. Lisboa: Editora 70, 1969.

ESTRADA, Juan Antônio. Imagens de Deus: a filosofia ante a linguagem religiosa. São Paulo: Paulinas, 2007.

GONSALVES, Elisa Pereira. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. 6ª ed. – Campinas, SP: Editora Alínea, 2018.

HARRINGTON, Wilfrid John. (OP). Chave para Bíblia: a revelação; a promessa; a realização. 9ª. ed. São Paulo: Paulinas, 2008. 580 p.

<http://www.catolicoorante.com.br/hora.php?dia=Horas/completasquinta.htm&hora=completas>, acessado em 12 de agosto de 2019.

LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia, S.P. Brasiliense, 2006.

MARDONES, José Maria. A vida do Símbolo: Dimensão da Religião. 1ª. ed. São Paulo: Paulinas, 2006. 261 p.

MELLO, Luiz Gonzaga. Antropologia Cultural: Iniciação, Teorias e Temas – 19ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2013.

NOGUEIRA, Augusto de Souza (Org.). Linguagem da religião: desafios, métodos, e conceitos centrais. 1ª. ed. São Paulo: Paulinas, 2012. 256 p.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo. São Paulo: Ed. UNESP, 2006.

OTTO, Rudolf. O sagrado: aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Petrópolis: Vozes, 2007.

PATRIARCADO DE JERUSALEM. Custódia da Terra Santa. A Edícula. 2017. Disponível em: <<http://www.jerusalem-patriarchate.info/main/page/>>. Acesso em: 11 de abr. 2018

RESTAURO do Tumulo de Jesus. 2017. Disponível em: <<https://www.graphicnews.com/pt/pages/35216/RELIGI%C3%83O-Conclu%C3%ADdo-o-restauro-do-t%C3%BAmulo-de-Jesus>>. Acesso em: 21 maio 2018.

ROPS, Daniel. Missa Est. Porto – Pt: Editora Livraria Tavares Martins, 1938.

ROWER, Frei Basílio, O.F.M. Dicionário litúrgico para o uso do revmo. Clero e fieis. 1ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1947. 232 p. Disponível em: <<http://www.obrascaticas.com/livros/Liturgia/DICIONARIO%20LITURGICO%20%20FREI%20BASILIO%20ROWER.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

SACROSSANTUM CONCILIUM. Documentos do Concilio Ecumênico Vaticano II. Petrópolis – RJ: Vozes, 1967.

SALVADOR, Frei Vicente. A História do Brasil. Lisboa: 1627.

SANTOS, Breno Machado dos. AS MISSÕES JESUÍTICAS E OS SENTIDOS DA CONVERSÃO ENTRE OS TUPINAMBÁ NO BRASIL COLONIAL. CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, ano 3, ed. 6, jan. /Abr. 2009.

SANTOS, Juberto. O que são Foranias? Vicariatos? Dioceses? Você sabe? 2002. Disponível em: <<http://www.catequisar.com.br/texto/colunas/juberto/30.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

SANTUARIOS de Schoenstatt. 2018. Disponível em: <<http://www.schoenstatt.org.br/>>. Acesso em: 09 de maio 2018.

SILVEIRA, Emerson Sena da. 2003. Turismo e consumo: a religião como lazer em Aparecida. In ABUMANSSUR, Edin Sued. (Org.). Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas,sp:

Papirús. p. 69 ... 106

VILHENA, Maria Ângela. Ritos: expressões e propriedades. São Paulo: Paulinas,2005.

WIJTEN, Con. Hilário O Prem. Meu Livro de Liturgia. Petrópolis – RJ: Vozes 1955.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. O Imaginário. 1ª. ed. São Paulo: Loyola, 2007. 104 p.

.